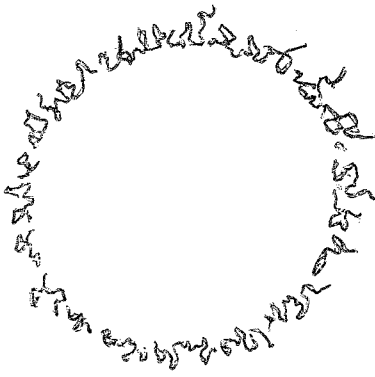


# MEERLON

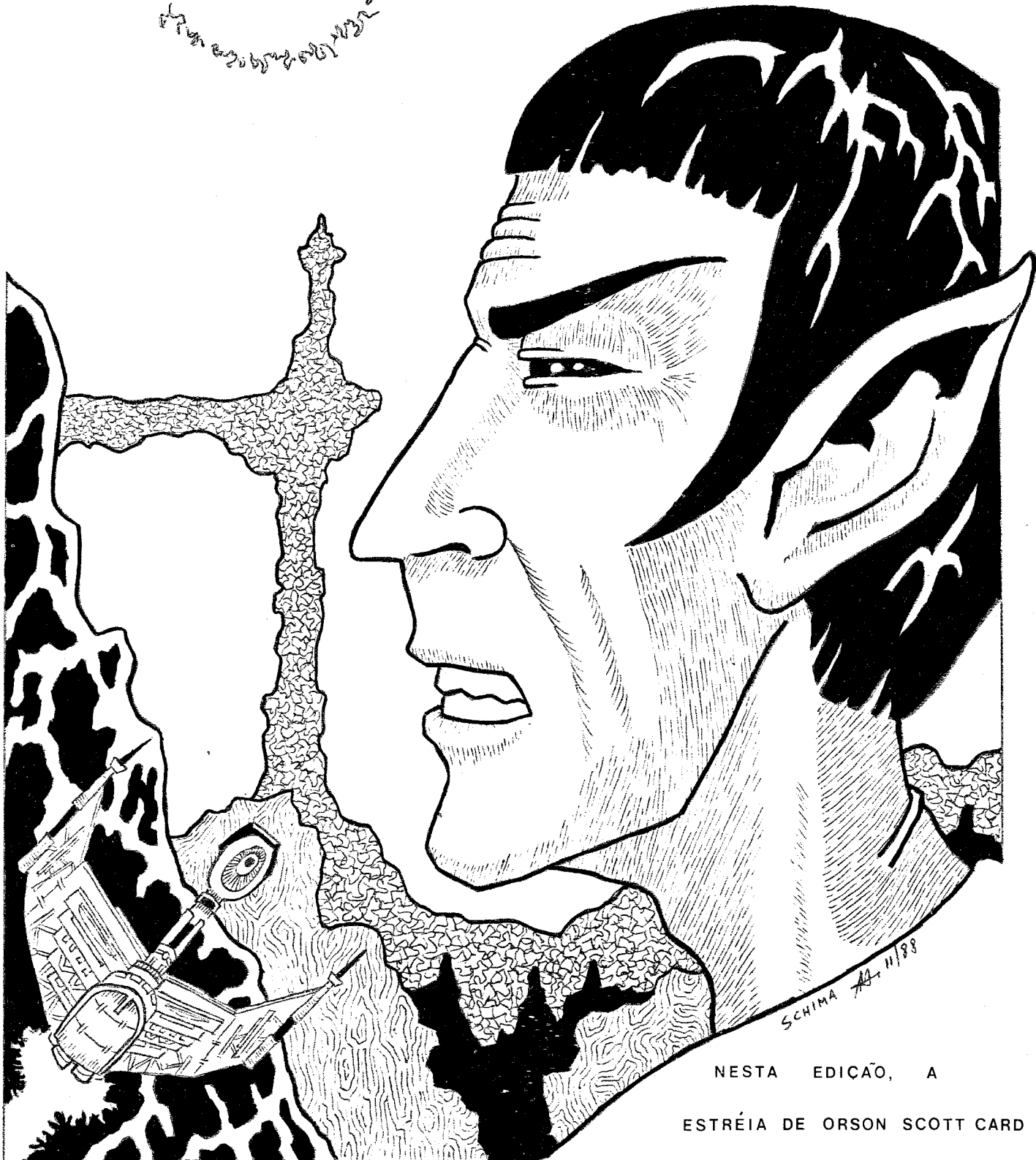
ANO II

#9

MAR. 90



- História de Pescador,  
por J. L. Calife
- Steve Fox
- Frederik Pohl
- Star Trek



NESTA EDIÇÃO, A  
ESTRÉIA DE ORSON SCOTT CARD



Ano II Número 9 Março 1990

**EDITORES:** Marcello Simão Branco & Renato Rosatti

**Colaboradores:** Gilberto Schoereder, Jeremias Moramu, Jorge Luiz Calife, Orson Scott Card(USA) e Roberto de Sousa Gauso.

**Colaboram nesta edição:** Éder Scarrot, José dos Santos Fernandes, Maria Ângela Calazans Bussoloti, Roberto Schima, Steve Fox(USA) e Wilson Maffetano.

## EDITORIAL

Nesta edição, entre outras grandes atrações, trazemos uma de especial interesse. Graças ao amigo e colaborador Roberto Gauso, estréia com exclusividade no Brasil, a coluna Books to Look For, de autoria de um dos maiores nomes da atual FC americana, Orson Scott Card, que faz parte da tradicional revista Fantasy & Science Fiction. A tradução de sua coluna é importante, na medida que tem acesso a livros atuais, sendo que alguns devem ser lançados no Brasil. Além de ser uma boa indicação de leitura para quem lê em inglês. E nos mostra de apoio que o escritor de nosntra ao permitir tal realização.

Agora vou falar de um assunto a-margoso: devido à grave crise econômica que atravessamos, MEGALON passa por maus momentos. Para um zine de nosso porte, deveríamos ter no mínimo 60 assinantes. No momento contamos com pouco menos de 40. Aos assinantes pedimos que tenham paciência, caso o quadro não se reverta, pois teremos de executar cortes em periodicidade, tiragem e/ou número de páginas. Por isso, você leitor, fã, nos ajude divulgando este fanzine da maneira que puder. Assine, colabore, sugira, critique, para melhorarmos e atraírmos mais leitores e assinantes. MEGALON não é só dos editores, é de todos que colaboram, lêem, assinam o fanzine. Afinal ele existe para divulgar e abrir espaço para a FC e Horror, e perdendo o zine, perdem todos os que caminham juntos nesta travessia da Ficção Científica neste país.

por MARCELLO SIMÃO BRANCO

## ÍNDICE

### ARTIGOS

- Onde Nenhum Homem Jamais Esteve	5
- Horror Explícito	10
- O Segredo do Abismo	14
- Pohl & Cia. no Brasil	16
- Quem é Orson Scott Card	28

### FICCÃO

Conto:	
- História de Pescador	22
Poema:	
- Veando nas Trevas	25

### ILUSTRAÇÕES

- Roberto Schima	capa, 22 e 24
- Steve Fox	25
- Wilson Maffetano	34

### SEÇÕES

- Editorial	2
- Diário de Bordo	3
- Poster	13
- Contatos	21
- Ciência	26
- FC BR	27
- Books to Look For	29
- Classics	32

### ENDERECOS

- Correspondência e envio de trabalhos: Av. Clara Mantelli, 110 04771 S. Paulo, SP Brasil
- Assinaturas: Rua Irmão Ivo Bernardino, 40 04773 S. Paulo, SP Brasil

Ver instruções e condições de assinatura na página 24.

- Saiu o Nº 4 da FC GRD, Enquanto Houver Natal..., com contos de Califé, Flory, Calixte, Alvaro Malheiros, Dinah S. de Queiroz e as estréias profissionais de José dos Santos Fernandes e Ivan Carlos Régina. O livro também traz comentário de R. C. Nascimento, e capa de minha autoria.

- R.V. Flory esteve em minha casa pouco antes da passagem de ano, obrigando-me a produzir uma série de desenhos a serem usados como base para concepções visuais feitas por computador, que ilustrarão um ciclo de palestras que ele deverá fazer junto a rede de cursinhos Objetivo, a respeito das idéias de seu romance Evolução, que deverá ter lançamento paralelo.

- O novo romance de André Carneiro, Amorquia, poderá sair pela Aleph ainda neste primeiro semestre. A editora informa que não poderá usar o título "Quasar" para sua linha de FC já que a marca já existe de posse de outra entidade.

- Uma boa e uma má notícia para você. A Record lançará, talvez em março ou abril, uma versão da Asimov's SF Magazine. Essa é a boa. A ruim é que não serão publicados contos de autores nacionais. Bem, comece a providenciar as picos, megafones e abajuro-assinados. Se você tiver um velho mosquete da Guerra do Paraguai escondido no armário, é bom arrendá-lo também. Mas talvez seja mais fácil escrever para lá exigindo a participação de autores nacionais. A revista se chamará Isaac Asimov Magazine - Contos de Ficção Científica e o endereço é R. Argentina 171, São Cristóvão, Rio - RJ CEP 20921 a/c Abelha. A notícia é que eles estão esperando pelas cartas. Escreva!

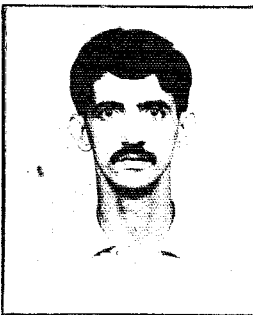
- Anunciadamente houve uma cisão no fanzine Hiperspaço: The Next Generation, após o Nº 7. Um grupo pretende dar continuidade à publicação e outro recua-se-á ao espaço para fins de criação e lançamento de um novo fanzine. Espero que a transição de Hiperspaço (1983-1984) não se perca.

- A Edição Dupla da História, a antologia organizada de Bráulio Tavares afinal chega ao Brasil. O lançamento se deu no dia 30/01 em São Paulo e 5/02 no Rio. Tavares já tem recebido divulgação por revistas e coleções, em uma bela edição, versão portuguesa da Antologia.

- A Ed. Rocco adquiriu os direitos de The King of Ann Rice e já está traduzindo The Queen of Spades, da mesma Rice. Os primeiros lançamentos de FC do ano incluem Invasão! (Football) de Niven e Pournelle e O Berço dos Super-Humanos (Cráide), de Clarke e Gentry Lee. Nas bancas: A Usina Nuclear de Papai, de Marc Laidlaw, lançado em 1988 pela Best Seller, e a segunda edição (encalhe) de Viagem Fantástica II, de Asimov, ambos pela Nova Cultural.

- Chegou até nós o número 40 do Somnium, fanzine do CLFC, em sua nova fase, editado por Carlos André Moraes, com recursos de computador e diagramação em duas colunas. Os responsáveis pretendem lançar o fanzine em bancas, talvez ainda neste ano. Desajamos toda sorte possível!

- O Anuário Brasileiro de Ficção Científica deverá sair em março, ou nunca! Referente ao ano de 1988, deverá ser o último a ser publicado. A equipe responsável deverá cuidar apenas do Prêmio Nova, sendo que o Concurso de novelas e noveletas Crux será desativado e os originais devolvidos. Se alguém pensar em assumir o ABFC, o editor cederá de bom grado a prerrogativa do trabalho. Os interessados podem escrever para Cx. Postal 220, Sumaré-SP CEP 13170.



José dos Santos Fernandes fala de sua estréia profissional: "Não sei se posso chamar a publicação de um conto em uma antologia de estréia profissional, principalmente porque não me considero um escritor profissional de FC e sim um amador. Poiso minhas dúvidas se algum escritor brasileiro de qualquer gênero, não só de FC, pode ser chamado de profissional já que é extremamente raro que alguém no

Brasil sobreviva às custas de seu trabalho como escritor. Porém, uma coisa é certa, ser publicado na coleção de FC da GRD foi para mim motivo de grande orgulho, dada a importância que a coleção sempre teve para os autores nacionais de FC." E de seus planos para sua carreira: "Quanto aos planos para a continuidade da minha carreira como escritor, eu ainda não os tenho. Quanto eu tiver (ou se tiver) uma carreira, talvez eu faça planos para a sua continuidade.

Sobre seu livro de contos em posse da GRD: "O meu livro de contos intitulado Do Outro Lado do Tempo; Lugar, no Espaço (já recebi críticas quanto ao tamanho do título) é uma coleção de 17 das 32 histórias que eu escrevi no período de 1978 a 1981. Sendo assim, as histórias são extremamente variadas tanto com relação aos temas, como com relação à sua extensão, técnica narrativa e mesmo quanto ao meu desenvolvimento como escritor. Este livro concorreu ao Prêmio Caminho da FC em 1988 e, para meu azar, o Bráulio Tavares também concorreu no mesmo ano. Se eu soubesse, não teria estimulado tanto o Bráulio a mandar o livro dela também. Quanto ao lançamento, o Gumercindo só me afirmou que seria um dos livros a ser publicado por ele em 1990. O mais interessante é que já saíram várias notícias na Megalon e no Somnium com dados prováveis, número na coleção, etc. Só esqueceram de avisar a mim e ao Gumercindo...

Seus próximos projetos em mente: "Bem, eu estou com algumas idéias para escrever três ou quatro contos novos mas o verão carioca tem me enfiado (eu simplesmente não consigo me concentrar em nada direito se a temperatura ultrapassa os 25º C; sou termo lábil). Estou tentando organizar um romance baseado no meu conto "Além do Sol" (a ser publicado na coletânea Bartier, não perca!) mas ainda estou na fase de coleta de dados. No mais, mantenho meus contatos com o "Writers of the Future Contest". Quem sabe não surja alguma novidade a partir dessas novas portas no futuro?"



WORLD FANTASY AWARDS

Prêmio de Realização Especial a Vida: Evangelina Walton - Melhor Romance: Rich, Peter Straub - Melhor Novela: "The Skin Trade", George R. R. Martin - Melhor Conto: "Winter Solstice, Camelot Station", John M. Ford - Melhor Coleção de Contos: (empate) Storeys From the Old Hotel, Gene Wolfe; Anny Gandy, Harlan Ellison - Melhor Antologia: The Year's Best Fantasy: First Annual Collection, Ellen Datlow & Terri Windling, eds. - Prêmio Especial/Profissional: (empate) Terri Windling, Robert Weinberg (Biofantasy Dictionary of SF & Fantasy Artists) - Melhor Artista: Edward Gorey - Prêmio Especial/Não Profissional: Kristine Kathryn Rusch & Dean Wesley Smith (Pulchouse).

Como não saímos na edição passada, divulgamos agora o prêmio para a categoria MELHOR NÃO-FIÇÃO que saiu para The Notion of Light in Water



de Samuel R. Delany - foto à esquerda.

- Owen Scott Card está atualmente trabalhando na série romances, um deles o volume final da trilogia de Under Wiggie, iniciada com Under's Lane (Hugo e Nebula, marcada a ser lançada no Brasil) e seguida por Speaker for the Dead (Hugo e Nebula). O romance chama-se Manoide e deverá sair pela Tor Ária em 90. O outro romance chama-se The Redirection of Columbia e Card acredita que este será seu melhor romance já escrito. Ele também está trabalhando na adaptação de uma peça baseada em A Christmas Carol (Um Conto de Natal) de Charles Dickens.

- David Brin está trabalhando num novo romance Earth e aproveitar para fazer pesquisas para ele na região da Nova Zelândia, quando foi convidado pela New Zealand SF and Fantasy Society para dar a conferência de honra numa convenção nacional de PG. O romance é uma história de fim de mundo com ênfase no aspecto ecológico.

- Alongue para este título: Gamen Miranda's Ghost In Haunting Space Station Three (O Espectro de Gamen Miranda Está Assustando a Estação Espacial Três), editado por Sam Sanders, lançado em inglês pela Tor Ária e por Anne McCaffrey e G.F. Cheryn, pela Bantam Books. É a terceira obra de uma série de vários autores compartilhando de um mesmo universo ficcional. Onde a volta para o mundo ficcional?

- Almas, o último romance de Asimov está sendo bem recebido pela crítica e leitores. O livro está sendo lido num universo diverso daquele de Fundação ou das histórias de robôs. É a primeira vez que o grande Mestre cria um novo universo em quase duas décadas. Na área de contos Asimov criou um novo sub-gênero, Amazon, de contos de humor, e continua publicando contos com histórias de robôs. Um deles, "Robot Dreams" foi finalista de Hugo, há alguns anos. Parece que o bom Doutor não para de escrever.

- William Peter Blatty iniciou a produção de The Exorcist: 1970. No elenco está George C. Scott. Blatty é visto como o pioneiro no horror sensacionalista que vemos hoje, embora seus trabalhos no cinema rixem muito mais pelo horror psicológico. Com este novo filme ele espera recondicionar o cinema voltado ao horror.

- A Tor Ária anunciou a compra da revista de enterprise, na versão da série de TV Star Trek, em uma edição especial, e a edição de aniversário de 24K. Não se pergunta o preço...

- Star Trek, de Star Trek, recebeu o melhor primeira edição da história, 1,4 milhão de cópias vendidas, Star Trek, por cinco tomos eles no mercado de uma vez. Sei de mais!

- Prêmio Hugo: Clash of Kings (conferido pela Associação of Science Fiction and Fantasy Artists) - Melhor Conto: "The Road", John G. Harrison - Melhor Romance/Novela Publicado: "The City", James Gunn - Melhor Antologia: The Exorcist: 1970 - Melhor Ilustração de Capa: Bob Wakelam por ISFM - Melhor Livro de Não-Ficção: The Book of David - Melhor Livro de Ficção: The Exorcist: 1970 - Melhor Livro de Não-Ficção: The Exorcist: 1970 - Prêmio por Realização Artística: Don Knaus, por Star Trek - Prêmio por Contribuição à ASFA: David Cherry, presidente da ASFA.

Prêmio Nebula: Clash of Kings (conferido na Fundação KIV em Birmingham, Inglaterra) - Prêmio August Derleth: The Exorcist: 1970 - Melhor Livro de Não-Ficção: The Exorcist: 1970, de Ramsey Campbell - Melhor Conto: "Fruiting Bodies" de John G. Harrison - Melhor Artista: Dave Coverly - Melhor Novela: John Gilbert - Prêmio Especial: R. Chaffin - Star Trek.

- O número 304 da Imagem norte-americana trouxe uma nota necrológica de José Castello de Carvalho, importante autor de O Cordeiro e O Lobisomem. Alguém deste fãzoz brasileiro havia pensado neste clássico da literatura brasileira como um romance de horror ou fantasia?

- Filipeo ainda no ano passado William F. Temple, um antigo H&E e escritor inglês. Ele serviu à Armada Real Britânica durante a II Guerra Mundial e foi um "Prato de Deserto" na África, junto ao 8º Exército Britânico. Lá ele escreveu um rascunho do romance Four-Side Triangle e uma segunda versão durante o bombardeio de Ambrólio na Itália. Em 15 de julho, de um provável ataque cardíaco.

- A Companhia de Teatro RAPP, de Manhattan produziu uma peça de Thomas M. Disch, sua primeira, intitulada "San-Tux", tratando-se de uma adaptação do romance de De Wallace e envolvendo viagem no tempo.

SCIENCE FICTION  
**analog**  
SCIENCE FACT

de então como Analog. Foi vencedor de 15 prêmios Hugo.

# ARTIGOS

## onde nenhum homem jamais esteve

por ROBERTO SCHIMA

Depois de mais um interminável comercial, o vídeo encareceu. Trançou-se a respiração. Estrelas surgiram reluzentes, flutuando no éter, convidativas. E, como que sugida das profundezas abissais, uma voz proclamou em voz solene:

"O espaço... a fronteira final. Estas são as viagens da nave espacial 'Enterprise' em sua missão de cinco anos para a exploração de novos mundos; para pesquisar novas vidas, novas civilizações - audaciosamente indo onde nenhum homem jamais esteve..."

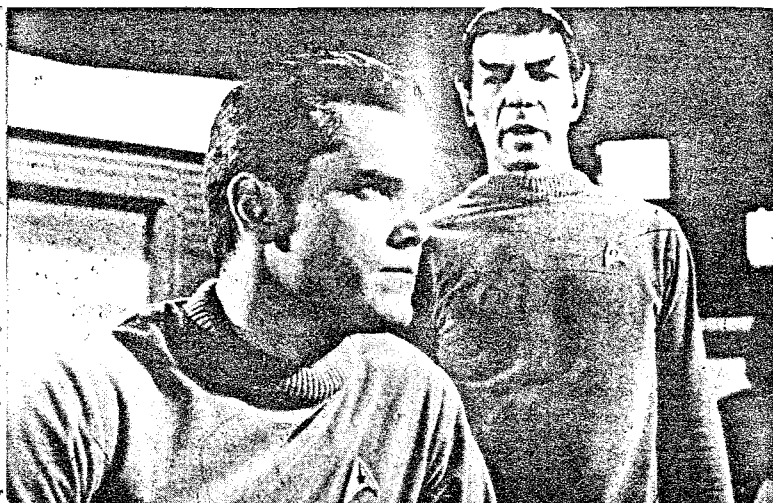
Seguiu-se então a inesquecível trilha sonora que cativou milhões de pessoas no mundo todo. E, aos nomes dos atores, intercalou-se a imagem da "Enterprise" riscando o espaço como um relâmpago. Iniciou-se assim mais um episódio do seriado de ficção científica mais importante de todos os tempos..

Um dos aspectos mais fascinantes na saga de Jornada nas Estrelas (Star Trek) residiu no apelo que fazia aos espectadores, convidando-os a desvendar os mistérios do Universo, a começar pela sua introdução. O seriado despertava o anseio pelo conhecimento, por querer saber o que existia lá nas estrelas longínquas e mais além. Foi esse espírito de aventura, sustentado por histórias inteligentes e perso-

nagens carismáticos que o transformou numa mitologia moderna, um mundo a parte onde seus personagens pareciam existir de fato e conviver com o comum dos mortais.

Jornada nas Estrelas surgiu dos sonhos de Gene Roddenberry, ex-piloto de aviões na II Guerra Mundial, ex-policiaI em Los Angeles, ex-roteirista de seriados (Dragnet, Have Gun o Will Travel), ex-produtor da série Lieutenant e, obviamente, um apaixonado pela FC.

O início não foi um mar de rosas, como poderia dar a impressão de ser a alguém que só recentemente tenha contato com Jornada nas Estrelas através do cinema. Ameaçou mesmo ficar na "geladeira" no âmbito dos so-



The Cage : Capitão Pike e Spock

nhos. Gene Roddenberry conseguiu atrair a atenção da rede NBC (National Broadcasting Corporation) para o projeto de um novo e susado seriado de FC. Obteve sinal verde e providenciou um piloto, chamado The Cage. No comando da USS Enterprise NCC 1701 estava o falecido ator Jeffrey Hunter - que interpretou Jesus em O Rei dos Reis, de 1961 - como o capitão Christopher Pike. A seu lado estava Leonard Nimoy como Spock, um mestiço terráqueo-vulcaniano de orelhas pontiagudas, e a atriz Majel Barrett-esposa de Gene Roddenberry. O episódio foi rodado no final de 1964

e considerado "cerebral demais" ou bom demais para a TV para os entendidos da rede americana e a série acabou sendo vetada. Este piloto nunca foi passado na TV e permaneceu um mistério durante anos (a Paramount Pictures o lançou em vídeo cassete em 86). Apesar disso, foi encomendado um novo episódio tendo em vista a potencialidade da idéia de Roddenberry. Devido a outros compromissos, Jeffrey Hunter não pôde reassumir o papel de capitão Pike e o posto foi ocupado por William Shatner, um jovem canadense radicado nos Estados Unidos, ator de teatro e cinema. Este vestiu então o uniforme de oficial da Federação Unida de Planetas como capitão James T. Kirk e viveu sua primeira aventura no episódio Onde Nenhum Homem Jamais Esteve (Where No Man Has Gone Before). Filmado no terceiro trimestre de 65, o novo piloto não foi barrado, recebendo a aprovação oficial da rede novaiorquina em fevereiro de 66. A partir daí, Gene Roddenberry passou a produzir Jornada nas Estrelas como um seriado semanal de TV, indo ao ar pela primeira vez numa terça-feira, 8 de setembro de 66, às 20h30m. No Brasil, o seriado teve estréia no dia 14 de janeiro de 68 na TV Excelsior.

Além de Shatner, Nimoy e Barrett, Roddenberry contratou um ator especializado em interpretar vilões, De Forest Kelley, para o papel do resmunguento dr. Leonard "Bones" McCoy, médico-chefe da Enterprise (ele apareceu pela primeira vez no terceiro episódio, A Manobra (The Carbonite Maneuver)). Havia ainda James Doohan como o engenheiro-chefe Montgomery "Scotty" Scott, que sempre dava um jeitinho, qualquer que fosse o problema da nave. George Takei interpretava o piloto Sulu; a bela Nichelle Nichols era a oficial de comunicações, Uhura. Majel Barrett, que no primeiro piloto, The Cage, teve destaque (era a primeira oficial do capitão Pike, a Number One), passou à categoria de enfermeira, Christi-

ne Chapel, apaixonada pelo lógico e, aparentemente sem emoções, Sr. Spock. Walter Koenig juntou-se a partir do segundo ano à tripulação no papel do navegador Pavel Chekov. O capitão Kirk era o típico modelo de herói: forte, corajoso, inteligente, de princípios e atraente para as mulheres, humanas ou não. Embora não dispensasse a força bruta, fazia maior uso da astúcia, auxiliado pelo seu fiel escudeiro, Spock.

O altivo mestiço, filho de Sarek, de Vulcano e Amanda, da Terra, sempre procurou ocultar seus sentimentos até de si próprio. Sua porção vulcana, amante da perfeição existente no raciocínio lógico, alimentava um preconceito inerente a esta raça contra as fracas criaturas emocionais. Havia a suposição de que ter emoções era fatal para o vulcaniano, se bem que no episódio Tempo de Loucura (Amek Time, de The Odore Sturgeon, indicado para o prêmio Hugo de 67), num momento de distração, estampou um largo sorriso ao ver o capitão Kirk a salvo. Rapidamente se recompôs, mas o sorriso foi prontamente captado pelo Dr. McCoy que, irritado com a suposta frieza de Spock, adorava atormentá-lo. Um sentimento análogo ao que sente as pessoas em geral diante de um "lord" inglês.

Toda uma nomenclatura se tornou familiar aos ouvidos dos fãs: diário de bordo, dobra espacial, orbitais de "lithium", teleporte, "tritors", "phasers", klingons, romulanos, zona neutra, data estelar, etc.

Os klingons eram terríveis inimigos dos humanos e seu império dividia a galáxia com a Federação. O melhor ato de clemência que se podia esperar deles era uma morte rápida. E os romulanos, por sua vez, eram membros de outra civilização belicosa, que acreditava-se ser aparentada com os vulcanos e que dividiam o controle dos planetas habitados.

Após o primeiro ano, a NBC quis retirar o Sr. Spock por acreditar que sua aparência ofendia aos religiosos. Felizmente, o bom senso prevaleceu, para não dizer... a lógica. Embora todos os atores tivessem ficado profundamente marcados por seus personagens, o caso de Spock, digo Leonard Nimoy, foi mais extremo. Ele já teve de se esforçar muito para não ser chamado pelo nome vulcano, mesmo estando sem maquiagem. E, embora tivesse feito outros papéis (em faroeste, no seriado Missão Impossível e até como apresentador de um programa sobre Ovnis, e mais recentemente mostra-se um competente diretor de longas metragens), o fantasma de Spock sempre o perseguia. Ele próprio deve ter se sentido dominado pelo personagem que interpretava, tamanho era o seu envolvimento; ele teve até que escrever um livro no começo dos anos 70, Eu não sou Spock, para desmistificar o vulcano. Não foi senão ele quem criou a clássica saudação vulcana, tão familiar aos fãs: os dedos da mão direita num "V" seguido da frase: "Vida longa e próspera". Talvez saturado pela falta de emoção de seu personagem e consequente inexpressividade facial, passou também a, em momentos oportunos, erguer uma das sobrancelhas de um modo peculiar. Isso acabou criando mais um traço de Spock, um erguer de sobrancelha que podia significar: "Cinha nessa!", "Isso é óbvio!", "Cacas humanas!", e toda a gama de expressões similares.



Spock em "By Any Other Name"

A verba disponível para a produção era irrisória (cerca de 150 mil dólares por episódio), bem menor que, por exemplo, a de "Perdidos no Espaço", mas o seriado tinha o mérito de tratar seu público como um ser pensante. Os episódios bem construídos lidavam com alienígenas, andróides, universos paralelos, anti-matéria, viagens no tempo, e tudo que vinha na mente dos roteiristas - alguns dos maiores nomes da TV, como Harlan Ellison, Theodore Sturgeon e Richard Matheson entre outros. Todavia, a profundidade das histórias criou um núcleo limitado de fãs fiéis (Asimov, por exemplo) que se empolgavam intensamente, e deixou à margem das pessoas, caracterizadas por um nível médio de educação e pouco familiarizadas com a Ciência. Desse modo, os índices de audiência não agradaram aos executivos da NBC (já mais passou da 59ª colocada entre os programas mais vistos da TV) e eles quiseram acabar com o seriado. Nessa sentida, a crítica pouco ajudou ao afirmar que era a pior coisa vista na TV, "presunçosa e desprovida de originalidade".

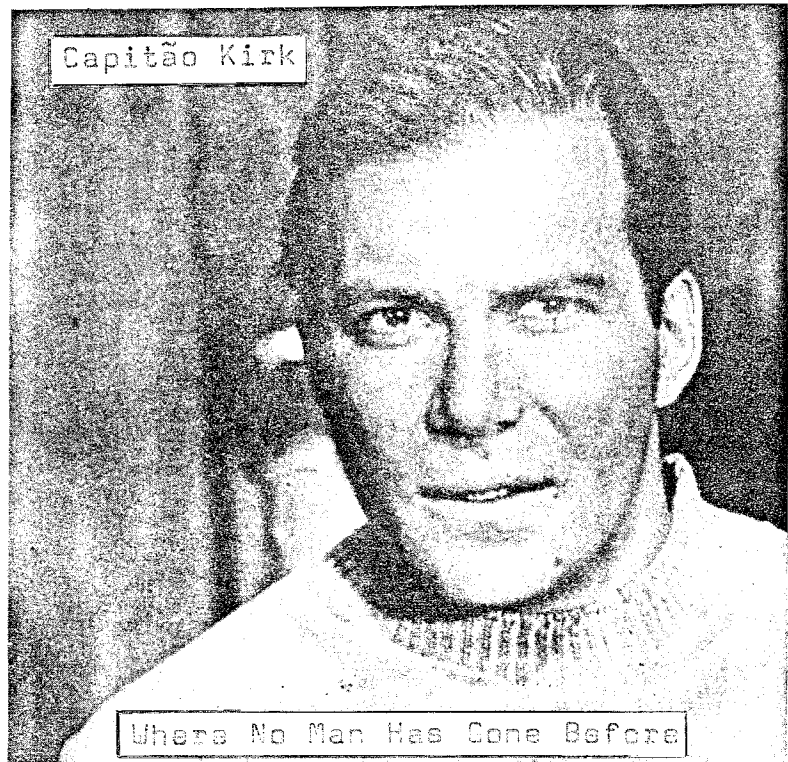
Foi então que aconteceu o fenômeno dos "Trekkies" (seguidores fanáticos do seriado) pela primeira vez. Fizeram uma campanha para que os fãs escrevessem várias cartas à NBC exigindo que se revogasse a decisão de acabar com a série. Estes, após serem afogados por cerca de um milhão de cartas, onde os fãs pediam, exigiam, imploravam e até ameaçavam, voltaram atrás. Chegou mesmo a haver comícios e marchas de protesto em Nova Iorque e na Califórnia. Teve início assim a segunda fase de episódios.

Porém, os níveis de audiência continuavam abaixo do esperado e mais uma vez quiseram cessar a licença de vôo da Enterprise. Mais uma montanha de cartas (algumas ameaçando de boicote a produtos e anunciantes da rede) e a NBC se viu obrigada a iniciar o terceiro ano. Nes

se meio tempo, Roddenberry entrou em atrito com seus executivos e deixou o programa, arastando consigo escritores de porte, dos já citados, Theodore Sturgeon e Harlan Ellison, além de responsáveis técnicos. Direta ou indiretamente, a cadeia de Tv sabotou o seriado programando-o para as sextas-feiras, às 22 horas, depois de um show humorístico de fraca audiência. E, embora tivesse várias de seus aspectos básicos reformulados, acabou parecendo lá pelo terceiro ano (o último episódio exibido foi O Intruso - Turnabout Intruder - a 3 de junho de 1969. Haviam transcorrido 78 aventuras da Enterprise e seus intrépidos tripulantes, não contando o primeiro e inédito piloto, The Cage.

Pouco depois todos os episódios foram empacotados pela Paramount e sindicalizados. Boa parte das emissoras reprisaram o seriado em diversos horários, uma aventura por dia, agregando um número cada vez maior de fãs. Estes passaram a se reunir em gigantescas convenções que alcançavam até dez mil participantes em cada uma, quando estes acontecimentos alcançaram o auge da popularidade. Alguns chegavam a ir fantasiados como seus personagens prediletos ou criavam fanzines sobre tudo relacionado à Jornada nas Estrelas. Formaram "lobbies" fortíssimos, como o que levou a NASA a dar o nome de Enterprise ao primeiro space-shuttle de caráter experimental e outros que fazem com que a série seja exibida até hoje nos EUA. No início de 72, Star Trek estava sendo exibido em 170 mercados de todo o mundo.

Curiosamente, só depois de terminada a série e estar vivendo exclusivamente de reprises foi que levou diversas empresas a disputarem a marca "Star Trek", gerando, nos anos 70, toda uma sorte de "crias": coleção de livros de bolso com histórias inéditas e adaptações de epi-



Capitão Kirk

Where No Man Has Gone Before

sódios, HQ's, desenhos animados (de 73 a 75 - foram exibidos no Brasil pela TV Globo) dublados pelos atores originais, navios em miniaturas, postera, bonecos, revistas, etc.

Em 77, o seriado quase voltou ao ar com o elenco original. Entretanto essa nova fase jamais chegou à televisão. Antes tarde do que nunca, a crítica se redimiu e considerou, com toda justiça, Jornada nas Estrelas como o melhor seriado de FC já visto na televisão americana.

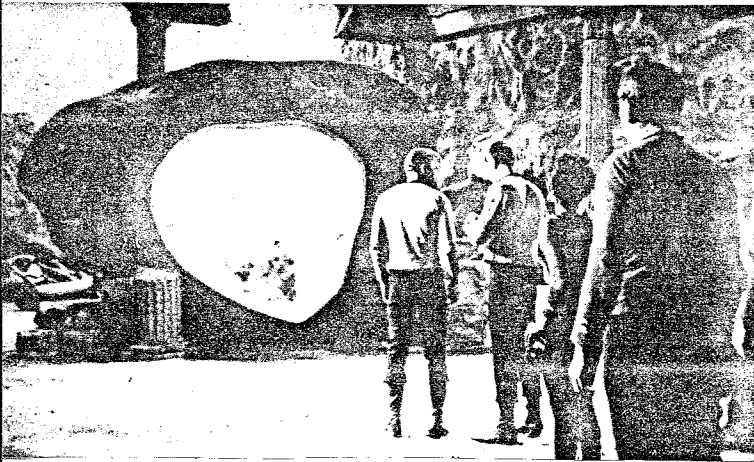
Nos EUA, a mania pelo seriado chegou às raias da idolatria. Existem centenas de fã-clubes e mesmo cada personagem tem um fã-clubes só para si. No Brasil, o primeiro e mais conhecido fã-clubes é a Sociedade Astronômica Star Trek, SAEST. Recentemente, foi criado o Trekker's Club, formado basicamente por dissidentes daquele e que traz a promessa de se tornar uma entidade de projeção.

Os filmes feitos para o cinema se dimentaram o sucesso da criação de Roddenberry e a apresentaram às novas gerações que hoje apreciam o novo seriado baseado no original, Star Trek: The Next Generation (que já está no seu terceiro ano). Mas isso é em termos de EUA e uma ou-



tra história.

No Brasil, além da Excelsior, a série foi exibida na, também extinta, TV Tupi, na década de 70 e por último na Rede Bandeirantes entre 82 e 85. Não são poucos os fãs que aguardam ansiosamente sua volta, de vídeo k7 em punho. O problema é que a Bandeirantes não ficou com a série. Devolveu para a representante da Paramount aqui no Brasil, na época a Brascontinental. Acontece que ela fechou, e correm duas hipóteses: uma que a série foi devolvida para os EUA, e outra, que por ter expirado o prazo de censura de 5 anos, os originais tenham sido queimados(!).



Kirk e Spock entram no "Guardião da Eternidade" no melhor episódio da série, The City on the Edge of Forever

Portanto, para ver a série novamente na TV, seria preciso trazê-la dos EUA e fazer uma nova dublagem. É mais provável que seja exibida a série nova agora em 90; e antiga só em vídeo, caso a CIC Vídeo resolveva mesmo lançá-la, como vem anunciando.

Foi um longo caminho percorrido, desde que Roddenberry expôs suas idéias aos Figurões da NBC. A USS Enterprise voou alto, mais alto do que ela a princípio ousou sonhar. Rompeu a fronteira final.

Jornada nas Estrelas mexeu com a cabeça, fez o público pensar, tornando-o assim cúmplice e participante. Depois de assistir a um episódio, dava vontade de pegar um livro de Astronomia e querer saber algo mais sobre o Universo. Dava vontade de localizar o árido planeta Vulcano e os territórios ocupados pela Federação Unida de Planetas, pelos Klingons, romulanos e outros alienígenas. Dava vontade de mergulhar mais além, para fora dos limites conhecidos e penetrar no desconhecido. Este é o legado do ex-aviador e ex-policia! levar a imaginação do espectador ao espaço mais longínquo, "onde nenhum homem jamais esteve".

\*Este artigo contou com a colaboração do "trekker" Marcello Simão Franco

MEGALON é uma publicação Bimestral. Aceita-se colaborações que fiquem sob apreciação da editoria. Os trabalhos, publicados ou não, não fazem jus a qualquer remuneração. Os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores e as opiniões por eles omitidas não refletem necessariamente a da editoria.

Agradecemos a quem, direta ou indiretamente, colaborou nesta edição. Novos trabalhos devem ser

remetidos até o dia 20 de março.

#### DOIS RECADOS:

- Aos colaboradores: por favor não enviem trabalhos para mais de um mês. Combinar com o editor um prazo para publicação, para depois remeter a outro veículo.

- Estamos sofrendo uma sangria com o fato de alguns 'fãs' estarem tirando cópias de MEGALON para outros 'fãs'. Isso é profundamente lamentável, um desserviço a nós e à FC como um todo!

Esperamos que compreendam e nos ajudem, não repetindo mais procelibundias como as que descrevemos acima.

OS EDITORES

# HORROR EXPLÍCITO

Por ÉDER SCARROT

O cinema de horror atual é caracterizado quase que por totalidade pela chamada violência explícita, bem diferente do antigamente, na época do horror gótico. A violência gratuita aliada a cenas repugnantes e gostosas e cortando com a auxílio das modernas técnicas especiais, tem se tornado uma fórmula eficaz de sucesso, atraída grande público e popularizando ainda mais os filmes de horror.

Existem muitas filmes que são considerados precursors de violência explícita, porém não abordam a seguir somente alguns dos mais conhecidos. Vale lembrar que se em parte desse contexto, os filmes cujos argumentos sejam excessivamente repressivos e repulsores de chacotas das mais variadas formas.

Em 1968, um filme fotografado em preto e branco (o qual já tem cenas colorizadas por computação por IBM) foi o clássico "Night of the Living Dead" ou "Noite dos Mortos-Vivos", de autoria lista George A. Romero. Produzido com poucos recursos e rescrito pelo mesmo Romero em parceria com John Russo, esse "mult-gênia" inicia uma trilogia composta ainda por "Dawn of the Dead" (Alvorecer dos Mortos) e "Day of the Dead" (Dia dos Mortos), respectivamente de 1978 e 85. Os episódios resumem-se basicamente em grupos de seres humanos isolados tentando sobreviver em meio a ataques constantes de ferozes zumbis assassinos.

Alguns anos depois foi a vez de Tobe Hooper (Poltergeist/ Lavadeira from Horror-86) criar o também clássico "The Texas Chainsaw Massacre" de 74 e ainda inédito no Brasil. Uma estranha família caçador de peles passa de uma pequena cidade do Texas e usava a carne humana

como alimento. Dois anos depois o mesmo Hooper dirigiu uma sequência lançada por aqui com o título "O Massacre da Serra Elétrica II" e disponível em vídeo pelado. Nos 11 EUA já foi produzida uma outra sequência. É essa minissérie que tornou famoso o psicopata Leatherface (na foto ao centro), chamado de o maníaco da motocarro (que aliás não é elétrica como diz o título nacional).

É dessa mesma época que vem outro clássico do horror, "The Exorcist" ou "O Exorcista (73)", que conseguiu ser o único filme do gênero a conquistar a cobrigada prêmio OSCAR (roteiro e som). O filme introduziu no cinema cenas de extrema repugnância através da posseção de uma jovem garota por um demônio de nome Pazuzu.



O padre Merrin (Max Von Sydow) foi convocado para exorcizá-la juntamente com o padre Karras (Jason Miller). A direção foi de William Friedkin e o roteiro de William Peter Blatty, baseado em seu romance da mesma época. Tive uma ótima sequência em 1977. Infortunadamente quando foi exibido na TV pelo SBT no ano passado, a criminosa e ridícula dublagem da garota possuída (voz do domínio) tirou todo o impacto do filme, sendo recomendado assistir o original, o qual se encontra no mercado de vídeo. Além, o mesmo aconteceu com a voz infantil da dublagem da psicopata Freddy Krueger quando da exibição de "A Hora do Pesadelo".

Outro filme considerado precursor do horror explícito é o conhecido "Halloween" (A Noite do Terror, 78) de John Carpenter. O moderador de "Exorcism of Darkness" e "They Live" criou o hoje reconhecido assassino Michael.

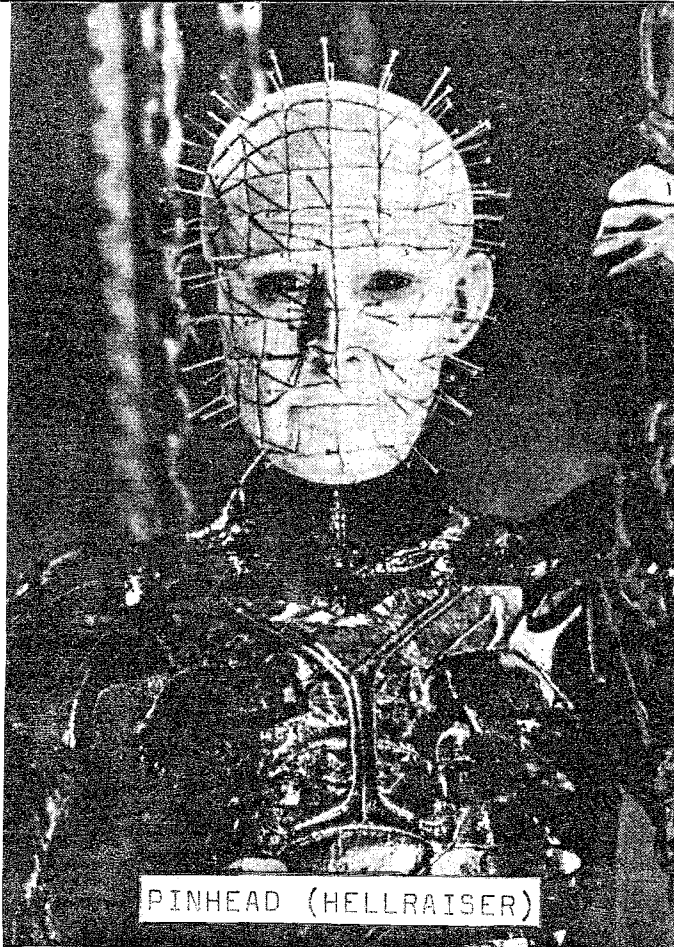
vare. Nessa série de filmes ele inicia um charismo no cinema, e qual este situar-se-ia no 5º filme, de largada nos EUA em 88. Já existem projetos para o 6º parte. O protagonista, um certo um assassino e portador que é um tipo de um herói, e passa a trabalhar com várias impropriedades. Vale ressaltar a presença de um certo de natureza de David Crossman como o protagonista Dr. Lennie.

Em 1988 iniciava também uma série de longa e de curta de "Friday the 13th" (Sexta-Feira 13) de Sean S. Johnson (House/ Carpenter etc). Um grupo de jovens estudantes são assassinados pela maníaca Jason Voorhees com o uso de facas de aço de "Crystal Lake". Esse é o começo de uma série de filmes de ação, com exceção de "Friday the 13th" onde a assassina é a mãe de Jason e do quinto filme onde o assassino pelas costas é um polígrafo que esconde a identidade de Jason. A série, parte, largada no Brasil em outubro de 88, também difere um pouco das demais, se é a polígrafa está de fora. Contudo o passo e etapas de Jason revertem-se de Manhattan. Quando os cinco primeiros filmes foram exibidos na TV, o censura de Globo escolheu este que é o próprio Jason, chegando ao título de "Friday the 13th" minutos do primeiro filme da série, além de outros 13 min. de outros de. Essas partes, entre outras, não mantiveram o entendimento dos argumentos.

Na maioria desses cinco predecessores citados vieram, principalmente no decorrer de 88, uma quantidade enorme de outros, todos com enfoque de extrema violência gratuita.

A seguir foram alguns filmes que são considerados grandes representantes do horror explícito.

• The Evil Dead (83), de Sam Raimi. Sem dúvida, a melhor de todas



PINHEAD (HELLRAISER)

já realizadas em outros planetas. Alguns jovens instigados como cobras nas montanhas são brutalmente atacados por demônios libertados por uma entidade sobrenatural. Tudo isso em uma sequência de 90 minutos produzida em 88 para a série. (Para maiores informações consulte o artigo em MEGALOM 88).

• 2 Mentes em Um Corpo (88), de Wes Craven. Filme que inicia uma série com mais 4 sequências. Um assassino deformado, Freddy Krueger, que usa uma luva com fa-

scas (ou pedacinhos) de jovens e delinqüentes moradores de Elm Street

• Re-Animatar o Jeon Seward, de Stuart Gordon. Com os títulos originais de "A Hora das Torturas-Vivas", 88" "Possuído pelo Mal", de 88, 88" respectivamente, foram produzidos pela mesma estúdio e elenco (o elenco, de Charles Hall). São histórias baseadas em contos de terror de H.P. Lovecraft. O primeiro é sobre a descoberta por um cientista de um novo tipo de energia onde vemos a o autor a tentar obter um cientista que cria uma máquina capaz de introduzir os peixes numa dimensão habitada por monstros de formas. Nos EUA já foi produzida em sequência para Re-Animatar, cujo nome é Slide of the Re-Animatar de Brian Yano.

• Demora (Filhos das Torturas, 88), de Lambert Lava. Filme produzido por Carlo Argento, um grupo de pessoas que que vivem sob o nome de uma preceção de um filme de horror, são atacados por demônios. Tem uma sequência de 87 minutos de duração e uma alta um preço considerável.

• Hellraiser (88), de Steve Barker. Um espírito maligno quando a morte tem o poder de invocar almas de inferno (demônios) libertados

por Pierce, no qual se relacionam o sofrimento e o dar o terrível abraço de torturas sangrentas. Clive Barker é um dos atuais mestres da literatura de horror e além de viagens, escreve também o roteiro de filmes. Tem uma ótima sequência em 80, com direção de Tony Randel. Para voltar, já está sendo produzida nos EUA mais um filme da série com o nome de Hellraiser III: Hell on Earth. Completando, o título original do segundo filme é Hellraiser: Hellraiser II.

+ The Exterminator (80), de Buddy Cooper. Um assassino psicopata mata um grupo de jovens hospedados numa casa de férias, utilizando uma motosserra e um gancho de pesca. Filme que faz jus ao título e onde mostram cenas de mutilações violentíssimas. Está disponível em vídeo colorido.

+ Superstitious/The Witch (83), de James Baberson. Histórias estranhas e sobrenaturais começam a ocorrer numa casa onde viveu uma bruxa do século XVIII. Na época ali havia sido condenada e executada por esgarar um bebê recém-nascido à casa. Os integrantes da família instalada passam a serem assassinados violentamente pela bruxa que voltara para se vingar. Também disponível no mercado de vídeo.

+ Children of the Corn (87), de Fritz Kierisch. Filme baseado em um conto de Stephen King, publicado em uma antologia "Night Shift" (no Brasil, "Sombras da Noite"). Num pequena cidade do interior americana um grupo de crianças lideradas por um garoto de nome Isaac, cometem horríveis atrocidades em um milharal. Induzidas por forças do mal, elas assassinam todos os adultos da cidade. Destaque para a cena onde



THE EVIL DEAD

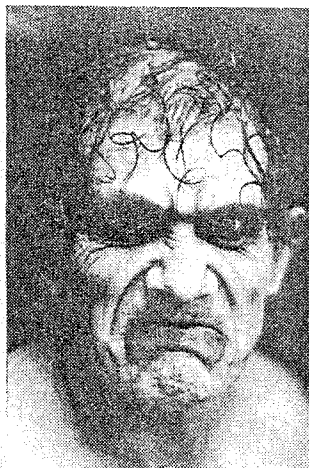
um homem tem sua mão mutilada num contador de pracinhas. Foi lançado nos cinemas como "Os Filhos do Mal" e em vídeo como "Bolcheita Maldita".

+ Scarswords (80), de William Woolley. Assaltantes de banco fogem em um avião com uma fortuna em dinheiro, mantendo como refém o piloto e sua filha. Possuem um milharal repleto de espantalhos cobertos de turcis e são massacrados por eles.

Finalizando o artigo, os filmes de horror explícito devem continuar por muito tempo, devido ao sucesso e popularidade que estão atingindo. Apesar de todos os temas de gênero estarem praticamente já esgotados ao explorados, os vários psicopatas, maníacos e demônios irão continuar aparecendo e realizando as suas variadas atrocidades



DEMONS 2





LON CHANEY JR. COMO "O LOBISOMEM"

# O SEGREDO DO ABISMO

por ROBERTO DE SOUSA CAUSO

Durante uma perseguição a um submersível desconhecido, um submarino nuclear da classe Ohio, o USS Montana, naufraga próximo de Cuba e da costa da Flórida. Carregava um lote de mísseis Trident, vários deles armados com ogivas múltiplas.

Uma equipe SEAL (aqueles caras da Marinha que foram chamados de a mais dura das tropas de elite que lutaram no Vietnam) é deslocada para o local, sob o comando do Tenente Coffey (Michael Biehn). Normalmente os SEAL usariam o Veículo de Resgate em Mar Profundo-1, um submersível de 32 toneladas projetado para esses casos. Mas o furacão Frederick está soprando sobre o lugar do naufrágio, impedindo a chegada do VRMP-1 em tempo hábil.

Felizmente, perto de onde jaz o submarino há uma plataforma submarina experimental, de propriedade da Genthic, uma empresa petrolífera. Os SEAL usarão a infraestrutura dessa plataforma, a Deepcore, para cumprir sua missão, ainda que isso não agrade nem ao chefe de operações "Virgil "Bud" Brigman (Ed Harris) e nem à sua esposa Lindsey (Mary Elizabeth Mastrantonio), a engenheira que projetou Deepcore.

As coisas não vão bem entre os dois; parece que estão à beira do divórcio. Mas esse é o menor de seus problemas. Durante o período de adaptação à profundidade, o Tenente Coffey apresenta sinais da síndrome nervosa que pode afetar um mergulhador a cada vinte. Ele está

ficando paranóico, dois submarinos russos são localizados perto, os SEAL usam o maior dos submersíveis da Deepcore para resgatar uma ogiva de 50 quilotons a ser de tonada caso os vermelhos cheguem perto demais. Mas o pessoal da Deepcore precisava do submersível para desconectar o cabo que os ligava à superfície através do guindaste que baixa e eleva a plata-

forma. O furacão arranca o guindaste e os isola no fundo do mar, pendurados na beirada de uma fossa submarina.

Até aqui o mais novo filme de James Cameron (O Exterminador do Futuro e Aliens, o Resgate) parece um thriller de intriga internacional. Mas não se esqueça do submersível desconhecido que causou o desastre do Montana. Imagine, lá no fundo da fossa submarina, algo mais que toneladas de lodo acumulado e criaturas abissais. O que quer que seja faz um reconhecimento no interior da plataforma, revelando-se aos tripulantes sob a forma de um tentáculo líquido, que tate

ia a ogiva nuclear.

Coffey, então, envia um robô com a ogiva para o abismo, afim de acabar com o que lá estivesse, sem se importar que a própria Deepcore seja varrida pela explosão.

As ações se precipitam em cenas fantásticas, tão bem realizadas que o espectador sequer chega a suspeitar do que está por trás dos efeitos especiais. 40% do fil

Do diretor de  
"O EXTERMINADOR DO  
FUTURO" e  
"ALIENS, O RESGATE"



**TUDO O QUE VOCÊ  
JÁ IMAGINOU DE  
AVENTURA  
NÃO É NADA  
DIANTE DE**

## O SEGREDO DO ABISMO

Quando chegar lá,  
você vai entender.

TWENTIETH CENTURY FOX APRESENTA

UMA PRODUÇÃO DE GALE ANNE HURD

UM FILME DE JAMES CAMERON THE ABYSS

ED HARRIS · MARY ELIZABETH MASTRANTONIO · MICHAEL BIEHN · MÚSICA DE ALAN SILVESTRI

DESENHOS DE PRODUÇÃO LESLIE DILLEY DIRETOR DE FOTOGRAFIA MIKAEL SALOMON

ESCRITO E DIRIGIDO POR JAMES CAMERON

COR POR DE LUZE

PROLOGADO POR GALE ANNE HURD

DO DOLBY STEREO

EM ALGUNS CINEMAS



me foi filmado debaixo d'água, o que significou não apenas o surgimento de toda uma técnica de filmagem, mas também a confecção real de trajes e construções - que antes existiam só em caráter experimental. Usando um reator nuclear a bandonado como set de filmagem, a produção fez milagres técnicos ao custo de 60 milhões de dólares.

O elenco está bem, considerando as dificuldades em se filmar debaixo d'água. Ed Harris (Os Eleitos), tem uma interpretação calma e eficiente como o herói que é um cara comum obrigado a se virar em situações difíceis. A bela Mary Elizabeth Mastrantonio (A Cor do Dinheiro), teve que se contorcer para dar um caráter próprio a um personagem que fatalmente seria - e foi - comparado àquele interpretado por Sigourney Weaver em Aliens - o que ela consegue muito bem, sendo mais feminina e menos agressiva. Suspeita-se que haja aqui uma repetição de fórmula ao se mostrar uma mulher que é capaz de conviver com homens em situações radicais, como uma igual. Mas observando o primeiro sucesso de Cameron, O Exterminador do Futuro, veremos já o esboço da mulher de ação, na pele de Linda Hamilton, como Sara Connor, que no decorrer do filme salta da friabilidade para a combatividade. Alguém que escreve seus primeiros filmes, como Cameron, pode dar-se ao luxo de manter uma coerência temática própria. Nos três filmes citados não temos apenas a mulher de ação, mas também o elemento militar e os aspectos da ficção científica bem colocados no contexto.

Cameron não é um ingênuo na colocação tanto da militar quanto da FC, ele apenas não pára para explicar, a menos que seja necessário. Muita coisa na sua obra depende de ser deduzida. Desde o Exterminador destruindo o poder institucionalizado e afrontando o racionalismo, até o andamento tático dos marines coloniais em Aliens, que dá a cadência da narrativa e enriquece o universo ficcional. Em O Segredo do Abismo também e ainda mais, pois são três veias principais de interesse: o reatamento de Lindsey e Bud, a situação tática e o encontro com as "Inteligências Não-Terrestres".

Esse fator de subentendimento é

interessante para nós, especialmente agora que Orson Scott Card deve estreiar no Brasil com a adaptação para romance do filme. Observemos como ele tratará as idéias esboçadas na tela. O que supomos é que Card deparou-se não somente com as usuais tarefas de dar um passado e um caráter mais profundo aos personagens, mas também com a necessidade de justificar a paranóia de Coffey, bem como a relação de Bud e Lindsey e, principalmente, dar a sustentação científica à idéia de uma civilização alienígena composta de seres abissais bioluminescentes. O problema é que as condições do meio aquático dificultam o surgimento de inteligências. Mais ainda devido às limitações para o desenvolvimento de órgãos préensensíveis. Os peixes normalmente estão entre os animais mais estúpidos e, considerando as regiões abissais, as condições para o crescimento da inteligência devem ser bem menores. Mas como Card já provou ser um autor de grandes idéias ecológicas (como no seu premiado romance de nome Speaker for the Dead, por exemplo), podemos esperar dele soluções instigantes.

O Segredo do Abismo, conforme idealizado por Cameron tinha 2h50m de duração, dos quais 30 minutos foram cortados por determinação da 20th Century Fox. Na versão final o reconcilhamento de Bud e Lindsey ocupa o centro das atenções, à ponto do final apoteótico realçar apenas o amor dos dois, deixando de lado perguntas importantes: Quem são e de onde vêm os alienígenas? O que acontece depois que eles se mostram?

É possível que o trabalho de Card tenha sido feito sobre a versão integral, o que nos daria um enredo mais equilibrado que o resultado final no filme. Agora resta-nos ver e conferir.

E quanto a Cameron, trata-se de um cineasta promissor para a FC cinematográfica, ou mais um diretor de filmes de muitas imagens e poucas idéias? Ele tem mostrado ser capaz de lidar com boas idéias a nível subtextual, e nesse aspecto seu melhor filme ainda é O Exterminador do Futuro, por ser uma boa história de viagem no tempo e conter, em nível subtextual, críticas agudas à sociedade e ao modo de vida moderno.

# POHL & CIA. NO BRASIL

A seguir, o relato da visita de Frederik Pohl, Charles N. Brown e Elisabeth Anne Hull no final do ano passado, uma breve biografia de Pohl e uma entrevista concedida por ele à revista LOCUS.

## EM SÃO PAULO

por Roberto de Sousa Caetano

No dia 19 de dezembro de 1989 estiveram na capital paulista, a convite da Editora Aleph, Charles N. Brown, editor do conhecido semi-prosino LOCUS; Elisabeth Anne Hull, que ministra aulas de FC numa faculdade norte-americana e é esposa de Frederik Pohl, que também esteve presente e que constitui uma verdadeira instituição da FC americana, sendo para muitos o último dos velhos mestres com um trabalho sério de interesse.

O encontro se deu nas dependências da editora, contando com a presença de cerca de 20 fãs, incluindo pessoal da Aleph. Pohl abriu o encontro, após Brown ter distribuído exemplares grátis da LOCUS de dezembro, falando de suas visitas a muitas nações no mundo todo, onde há sempre algum grupo de fãs, e lembrando que a comunidade da FC é uma grande família, onde mesmo as barreiras de linguagem podem ser transpostas através do uso de uma linguagem própria dessa comunidade de interesse comum: a ficção científica. Muitos tópicos foram tocados durante o encontro: o fato da FC ser um gênero majoritariamente prestigiado por leitores masculinos (nenhum argumento definitivo foi lançado, mas parece óbvio que muitos preconceitos ainda cercam o gênero e que as mulheres, mesmo no 1º mundo, ainda são compelidas a lerem mainstream ou literatura romântica); o modo como o mercado de FC nos EUA está fechado para a FC traduzida (os autores presentes tentaram insistir nesse ponto e os americanos não foram capazes de fechar o assunto em torno de uma tese única; mas alguém já disse que o isolacionismo dos EUA é proporcional ao seu intervencionismo e é compreensível que o leitor americano queira ver sua realidade retratada na FC ou que sinta que apenas a FC escrita por um americano valha a sua atenção, isso dentro da posição de que a América é o centro do mundo. Mas há quem diga que há uma tendência de inversão desse estado de coisas e que o leitor americano está começando a "despertar para o fato de que a FC é uma literatura mundial".); a condição do mercado brasileiro de FC; Hull falou sobre o seu curso e a forma como a FC ainda é vítima de preconceitos nos círculos acadêmicos; Brown falou sobre sua revista e como os fãs hoje, nos EUA, ditam o que querem ler.

Os três americanos contraram-se reais conhecedores do seu campo e objetivos nas conversações. Já os brasileiros presentes fizeram algumas colocações confusas ou desproporcionadas, às vezes na tentativa de brilhar por um segundo ou serem aspirativos, esquecendo que certas figuras de linguagem e ironia são intraduzíveis. Como a maioria tinha algum domínio de inglês, as brincadeiras entre os americanos sobavam compartilhadas por todos mas em vários momentos os brasileiros riram sozinho, pois as piadas não foram traduzidas. Alguns desses problemas merecem ser atacados,





em eventuais próximos encontros com estrangeiros. Uma pauta de assuntos, mesmo que seja mínima, é essencial. A pontualidade também. Alguns pontos de interesse para o fã foram realçados. A importância dos fãs como forma de consolidação do mercado editorial, por exemplo. Pohl expôs como a FC americana ganhou as livrarias (antes só existia como revistas) graças a atuação dos fãs, chamando assim a atenção das grandes editoras. Ivan Carlos Regina e Roberto Nascimento lembraram que fato semelhante se passa hoje no Brasil. Luiz Marcos da Fonseca, presidente do CLFC, perguntou se a FC ainda era um gênero vivo no mundo. Para aqueles que ouviram falar da discussão internacional em torno da estagnação da FC ou que suspeitavam que as séries e continuações estavam minando a criatividade do gênero, a resposta foi aliviadora. Para Pohl, a cada ano surge pelo menos um autor com uma grande idéia nova e outros, lendo o seu trabalho dizem: "que grande idéia! Posso trabalhar com ele, e fazê-la melhor".

Sem dúvida, um encontro compensador para os que estiveram presentes e puderam participar das discussões e conhecer personalidades da linha de frente da FC, em diversas áreas, hoje. Mais uma vez, o agradecimento dos participantes à Editora Aleph, pela oportunidade que nos concedeu.

De São Paulo os americanos seguiram para o Rio, onde também se encontraram com fãs e participaram do lançamento do livro Enquanto Houver Natal... uma antologia da Ficção Científica GRD. E parece que eles levaram uma boa impressão do fandom brasileiro, pois não esperavam que houvesse um núcleo de fãs tão organizado, neste canto do 3º Mundo. Alguns fãs presentes ao encontro: Luiz Marcos da Fonseca e Carlos André Moraes, Presidente do CLFC e editor do SOMNIUM, respectivamente; Roberto Cesar do Nascimento e Ivan Carlos Regina; Marcello Simão Branco e Renato Rosatti, editores do MEGALON; Roberto e Antonio de Sousa Gauso; Sérgio Lima da Costa, Fernando C. Gouveia, sócios do CLFC; Silvio Alexandre Ferreira e sua esposa Sofia, a intérprete; Pierluigi Fiasi, diretor da Aleph.

## NO RIO DE JANEIRO

por José dos Santos Fernandes

Na capital fluminense, o CLFC-RJ organizou um encontro com os fãs, escritores e alguns editores de FC brasileiros no dia 20 de dezembro, no Salão Nobre do Edifício da Praia Vermelha onde compareceram - apesar do tremendo mau tempo - cerca de 35 pessoas. Na oportunidade, aconteceu o lançamento do quarto título da nova coleção de FC da Editora GRD, Enquanto Houver Natal..., com a presença do editor, Gumercindo Rocha Dórea.

Tirando o pape descontraído, que sempre rola às toneladas em qualquer reunião do CLFC-RJ, o ponto alto do evento foi a mini-solenidade de lançamento do livro da GRD, ocasião em que falaram Gumercindo Rocha Dórea, Frederik Pohl e Roberto Cesar do Nascimento.

Gumercindo falou sobre a sua já lendária coleção e o sonho da publicação de uma antologia de contos de FC tendo como tema o Natal, projeto que ele tentara concretizar, sem sucesso, na década de 60. Ressaltou também a importância do ato de escrever para todo aquele que deseja se lançar no campo da Literatura porque é escrevendo, e criticando seu próprio trabalho, e tendo seu trabalho criticado por outras pessoas que o escritor consegue realmente se aperfeiçoar.

Frederik Pohl lembrou em seu breve discurso que quando ele era jovem o movimento da FC nos EUA estava exatamente onde estamos hoje: com peque-

nos grupos de escritores e fãs de FC se reunindo e lutando para promover o gênero literário da FC. Naquela época, eles fizeram a primeira Convenção de FC, com a presença de 12 pessoas. Hoje em dia, eles tem convenções com a presença de 700 escritores e mais de 4000 fãs de FC!

Roberto Cesar do Nascimento mencionou a importância do OLFC como catalisador do movimento atual da FC no Brasil e fez votos para que, daqui a 30 anos, todos nós fôssemos os convidados de honra em uma reunião semelhante onde tudo estaria novamente começando, no interior do Zimbábue!

Para mim, a visita de Pohl, Brown e Elisabeth Anne Hull ao Rio de Janeiro foi particularmente interessante. Acabei servindo de guia turístico para eles no Rio, o que me deu a oportunidade de bater longos papos e com eles no Sheraton, no Corcovado e em inúmeros engarrafamentos. A impressão que me ficou dos três foi de pessoas bem agradáveis, sem nenhuma afetação causada pela fama que meritariamente eles possuem e com uma vasta cultura geral. Conversei muito sobre FC e mercado editorial com Charles Brown e Elisabeth Anne Hull - que é professora de literatura de FC numa universidade americana e tem um PhD em Drama - mas, interessantemente, não conversei quase nada sobre FC com Frederik Pohl. Falamos sobre o programa brasileiro dos carros a álcool, os problemas mecânicos desses carros e os problemas técnicos, econômicos e políticos enfrentados pelo Proalcoól, sobre a Economia brasileira e o fenômeno da correção monetária, sobre os problemas de Saúde no nosso país, etc. Sobre FC, praticamente nada. Sinal dos tempos...

## UM POUCO DE FREDERIK POHL

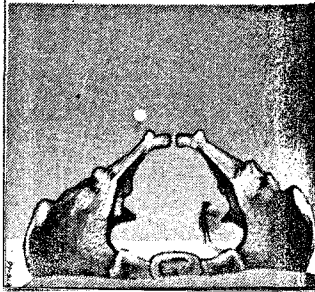
por Roberto de Sousa Campos

Uma das figuras-chave para entender a ficção científica, Frederik Pohl era fã do gênero desde sua adolescência e fez parte do lendário grupo Futurians, onde conviveu com outros fãs gigantes no gênero. Antes mesmo de completar 20 anos de idade, Pohl já atuava como editor das pulp-magazines Astonishing Stories e Super Science Stories, de 1940 a 1941 e como editor assistente nessas revistas até 1943. Nenhuma delas contava com grandes recursos, o que não o impediu de obter bons resultados.

Após a II Guerra Mundial, Pohl atuou como agente literário, representando alguns dos mais importantes nomes no campo, ao final da década de 40 quando volta a escrever ficção com bons resultados, destacando-se a parceria com Cyril M. Kornbluth, que conhecera quando ambos foram membros do Futurians. Juntos produziram romances na série Mercadores do Espaço, e o clássico The Space Merchants, de 1952.

Pohl foi também editor assistente e editor de Galaxy e If, tendo ganho com esta última três Hugos consecutivos, de 1966 a 68. Nessa mesma época, ele fundou e editou duas revistas que não se estabeleciam: Worlds of Tomorrow(1963-67) e International Science Fiction(1967-68). A segunda tratava-se de uma revista com FC traduzida, trabalhos de autores não americanos, cujas vendas foram tão baixas que não chegou ao terceiro número. Também foi editor de uma linha de antologia originais, Star SF, de 1953 a 59. Décadas mais tarde, ele ainda não desistira de divulgar FC internacional, produzindo algumas antologias internacionais, uma delas com trabalho de André Carneiro.

Em 1969 Pohl esteve no Brasil, como participante do Simpósio de FC, evento idealizado por José Sanz(falecido em 1987), onde ele fez uma signi-



ficativa e impressionante palestra sobre a importância política da FC como veículo da liberdade de expressão. Sem dúvida, parte de suas obras caracterizou-se pela presença dessa inquirição política.

Seus romances premiados são: Man Plus (1976, Nebula), Gateway (1977, Hugo), primeiro de uma série. Pohl continua escrevendo FC, vez ou outra retornando à sua parceria com outro monstro sagrado da FC, Jack Williamson. Seus trabalhos mais recentes têm oscilado um pouco na qualidade, mas acrescentando muito à sua carreira de escritor, se bem que agora mais despidos dos aspectos políticos, voltados para os indivíduos em sua busca pela felicidade, segundo um resenhador "seus trabalhos recentes têm nos preparado para um Pohl muito mais em paz consigo mesmo e com o mundo, que o Pohl de outrora", e que "pode ser o início de uma nova e importante fase numa longa e notável carreira".

Frederik Pohl foi também presidente da Science Fiction Writers of America de 1974 a 1976. Ultimamente ele e sua companheira Elisabeth Anne Hull têm visitado vários países e encontrando-se com grupos de fãs, tendo passado pelo Brasil, onde disse que sentiu-se atraído pela FC por ver nela um meio de conhecer a ciência e que hoje a FC não é mais a Literatura da Ciência - se alguma vez o foi - mas a Literatura da Mudança.

## POHL, UM OTIMISTA

Entrevista concedida à edição número 346 do semi-promine americano LOCUS de novembro de 1989.

Tradução de Maria Ângela Calazans Bussoloti

Frederik Pohl acha graça da noção de que sua FC é algumas vezes menos que "upbeat". "Nunca me achei pessimista. Sempre supis que haveria uma guerra nuclear, e que a peste dizimaria a raça humana, que Dow Jones iria até três e que haveria inundações apagando as linhas do litoral, mas a chei que alguém iria sobreviver. Ninguém poderia ser mais otimista do que isso! Adoro ver o que está acontecendo agora no Leste Europeu -- é tão interessante quanto um história. No entanto não sou tão otimista quanto a isso. Perestroika não está funcionando - as condições econômicas não estão melhorando. Gorbachev não tem um apoio sólido, tanto quanto eu possa ver, exceto no Oeste. Se a escolha tivesse sido Bush ou Gorbachev em 1988, seria uma raça muito mais unida"

Em outras áreas de rivalidade internacional "Nós vamos ficar na liderança em Ciência na América no nosso tempo de vida pelo menos em Astronomia e Astrofísica. Os japoneses estão muito ocupados com outras coisas no momento. Quanto aos computadores eu não sei. Os japoneses estão fazendo ruídos muito interessantes".

"Parte da razão pela qual a FC é divertida é porque a Ciência é divertida. O vôo de Voyager a Netuno é basicamente o auge da exploração do Sistema Solar do século XX. Haverão missões a Vênus e Júpiter e provavelmente algumas sondas a Marte, mas eles já estão somente indo a lugares que já foram visitados. Não há planos para ir mais além, o que é uma grande pena. Pode ser que você não saiba que essa Grande Viagem é baseada principalmente no trabalho de Lester Del Rey. De acordo com a publicação atu

al do Planetary Society Magazine, Lester previu isso tudo em 1939 em uma história de FC sobre viagem de uma nave por impulso gravitacional".

"Eu cresci com o modelo econômico de FC do Sistema Solar no qual Marte pode ou não ter tido canais, mas certamente tinha desertos, com criaturas pululando por eles e Júpiter tinha uma superfície sólida com pequenos e atarracados jovianos ameaçando invadir a Terra e tudo mais. Descobrir que eles são estruturalmente diferentes de qualquer coisa que pudéssemos ter visto antes é realmente muito excitante. Não há controle de qualidade nos satélites - eles são de todos os tipos de formas e tamanhos. É como ler uma boa história de FC, sobre um assunto que nunca li antes, como a primeira vez em que eu li uma história de Doc Smith ou a Martian Odyssey de Weinbaum - é uma visão completamente nova de alguma coisa nova fora da Terra. Eu só sinto que não vai haver muito mais disso".

"Gostaria de achar uma maneira de persuadir o governo a colocar mais dinheiro no espaço. Tudo o que escrevo é propaganda para o espaço, mas não consigo muito quando existem "lobbies" tão poderosos para balancear o orçamento, ou pelo menos cortar todas as despesas que não envolvam matar alguém. O problema com o espaço é que não temos marcianos para matar. Se tivéssemos haveria muito dinheiro. Ted Sturgeon escreveu essa história a uma vez, eu acho - eles inventaram uma raça de alienígenas para mobilizar a raça humana contra ela".

Pohl tem vários projetos para livros e filmes. Os filmes estão se processando (ou não) sem sua participação direta. "Eu não trabalho bem com as idéias de outras pessoas. É por isso que não consegui muita coisa com Hollywood. Todas aquelas pessoas têm suas próprias idéias e eu gosto mais das minhas. Daily Variety disse que eles vão em frente com Man Plus. Eles devem saber mais do que eu, porque eu não esva ciente disso até ler em suas páginas. Também o filme Chernobyl está vivo e suficiente para que eles renovassem o contrato recentemente. Não conheço os detalhes e nem quero. É um mundo muito estranho para mim. Quanto aos livros, tenho dois terminados e não publicados. Um chama-se The World at the End of Time. Ocorre em 10<sup>70</sup> anos no futuro, que é tão longe quanto eu planejo ir. Inteligentemente eu mantive algumas pessoas vivas, por isso tenho personagens na minha história. É um livro grande, maior do que a maioria deles. É sobre uma colônia de seres humanos em um planeta de outra estrela. Por razões as quais você terá que ler o livro para saber, essa estrela e algumas outras são aceleradas tão próximas da velocidade da luz que a dilatação do tempo efetivamente os congela, enquanto o universo morre lentamente. Quando eles desaceleram até o tempo não-relativista novamente, o Universo está morto. Não há mais hidrogênio ou hélio queimando, nenhuma fusão nuclear. A única fonte de energia restante são alguns prótons pulando de vez em quando."

"O outro livro é intitulado The Gateway Trip ou The Heechee Trip ainda não estão certos. Não é uma sequência dos livros Heechee, mas uma concordância com tudo. A novela The Merchants of Venus está nela e eu escrevi 8 ou 9 noves pequenos capítulos sobre coisas como viagens em Gateway que não estão discutidas nas novelas. Será ilustrada com 100 figuras em branco e preto por Frank Kelly Freas. Os esboços estão maravilhosos. Eu não tinha um plano geral para os livros Heechee. Escrevi uma novela que se transformou em um livro e então comecei a pensar em outras coisas que não estavam nele, por isso escrevi outro e continuei assim até que acaba-

riam as coisas. É tudo coerente porque conheço o mundo em que Robinette Broadhead vive quase tão bem quanto conheço o meu. Há sem dúvida lapsos e contradições mas eu sabia muito bem quando escrevi o primeiro livro como seria aquele mundo. Não há nenhum outro lugar que eu queira ir com ele agora. Estou saturado de escrever sequências."

"Tenho um contrato para escrever um romance com Jack Williamson, The Turtles of Time. É baseado em uma piada do início do livro de Stephen Hawking, A Brief History of Time, sobre uma velha que pensava que o mundo estava nas costas de uma tartaruga, que estava nas costas de outra tartaruga que estava nas costas de outra tartaruga... Jack e eu já estamos quase na metade. Também tenho outro romance que vou escrever em colaboração com o cabeça do Robotics Institute de Carnegie-Mellon, sobre a inteligência da máquina. Ele acabou de publicar o Mind Children, o melhor livro que eu conheço sobre o possível desenvolvimento dos computadores."

"Eu sempre tenho 10 ou 12 coisas que eu quero fazer. Há outros 2 ou 3 livros e outras coisas que quero escrever fora da FC. Acho que vou tirar algum tempo e escrevê-las antes que faça mais alguma FC. Há mais ou menos 10 anos eu disse a mim mesmo: 'Fred, porque você não termina todos os contratos que tem - haviam 2 ou 3, como sempre - e não assina mais nenhum até que todos estejam entregues?' Então eu fiz isso. Aí olhei em volta para ver como me sentia e me vi desempregado. Por isso fui e assinei mais contratos. Não quero fazer isso dessa vez."

"Um dos projetos que estive trabalhando e deixando de lado durante 30 anos é uma espécie de War and Peace da Grande Depressão. Tenho 750000 palavras em anotações para ele, muito mais do que o livro jamais terá. No entanto, meu plano básico da minha carreira atualmente é ganhar a Loteria de Illinois, pegar US \$38 milhões e comprar minha própria editora."

## CONTATOS

### FANZINES

SOMNIUM nº 41. Boletim do Clube de Leitores de FC, em sua nova fase sob a edição de Carlos A. Mores. Mudou a apresentação gráfica, mas o conteúdo continua o mesmo: de alta qualidade, que o coloca como um dos melhores fanzines brasileiros. Traz as Crônicas de André e um novo conto de Ivan C. Regina como destaques. Assine, colabore, se associe ao CLFC! Assinaturas: Rua Dardanelos, 108/31-B S. Paulo, SP 05468.

MEGAZINE nº 1. Sob a edição do colega e quadrinista Antonio Sena, aborda os Quadrinhos. Muito bem cuidado, tamanho meio-ofício, 22 páginas de HQ nacional de boa qualidade. Confira: Rua Coêlho de Resende, número 3724 A Aeroporto, CEP 64000 Teresina, PI

HEAD BANGERS nº 1. Mais um zine sobre HQ, este sob edição de Leonardo F. Silva. Um zine variado, com humor, terror, entrevistas e HQs. Endeço: Rua Conde de Porto Alegre, 90 Rio Grande, RS CEP 96200.

FEL NEURAL NEUTRALIZER. Zine americano do Grupo de Interesse de Engenharia dentro do fã-clube Starfleet Command sobre Star Trek. É o nº 48 e nos foi enviado pelo amigo Ivo Heinz. Notícias sobre o clube, sinopses dos seriados da nova série, artigos, cartas. Com fotos e ilustrações. Escreva: Federation Technician's League P.O. Box 11643 Kansas City, MO 64138-0143 USA.

## História de Pescador

por JORGE LUIZ CALIFE

André Page sentia-se como um astronauta, viajando através de uma galáxia bizarra, concebida pela mente delirante de algum escritor de ficção científica. A 6 mil metros de profundidade, a imensa planície submarina que se estende a oeste do Havai, parecia um mundo de pesadelo. Um reino psicodélico que não tinha direito de fazer parte da realidade.

Do outro lado da janela de cristal do submarino de pesquisa, a água do mar era negra e insondável como uma noite primordial. Uma escuridão sem limite nem dimensão que parecia engolir os holofotes do submarino, tragando a energia luminosa como se fosse alguma forma fantástica de anti-matéria.

Mas cada vez que Page apagava os faróis aquela noite eterna se revelava cheia de estrelas multicoloridas. Eram pequenos peixes, camarões e medusas que brilhavam com uma fosforescência fantasmagórica. As medusas azuis, os camarões vermelhos, os peixes amarelo esverdeados. Uma constelação viva a desenharem estranhos padrões na escuridão do abismo.

Era difícil esquecer aquelas luzes fantásticas lá fora e se concentrar nos padrões, igualmente fosforescentes da tela do sonar. O magnetômetro indicava um contato positivo à frente e André acionou o botão do hidrofone, transmitindo uma breve mensagem para o navio de apoio, seis quilômetros acima.

— Glomar, Glomar, aqui Starfish, alvo positivo, 300 metros à frente, contato iminente.

Cheio de luzes, como um OVNI num filme do Spielberg, o mini submarino deslizou na escuridão, sua pas-

sagem levantando uma esteira de lodo do fundo.

André sabia que tinha encontrado o que procurava. O registro do sonar e o magnetômetro não deixavam dúvida. Ainda assim ele não pode conter uma exclamação de espanto quando os holofotes revelaram uma estrutura imensa à sua frente. Uma coisa aerodinâmica, como a cauda de um avião a jato, com um torpedo na ponta.

— Glomar, Glomar, contato positivo. — ele transmitiu.

Deixou a embarcação deslizar na correnteza enquanto observava as linhas hidrodinâmicas da cauda do submarino soviético a se projetar do lodo abissal.

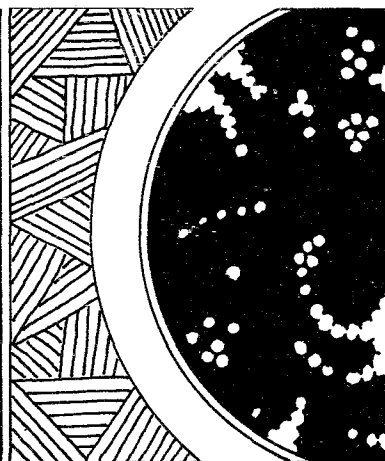
Era um Akula II, o mais moderno submarino de ataque do mundo. A notícia do seu naufrágio colocara a CIA de sobreviço e trouxe André, num vôo especial, desde as Bahamas. Já receber uma fortuna para fazer esse mergulho especial e fotografar o que tinha sobrado do peixe

soviético.

Não havia perigo nenhum. As unidades navais soviéticas tinham ido embora há semanas, desistindo de procurar sobreviventes. A marinha de Moscou parecia não considerar a possibilidade de que os americanos pudessem descer a 6 mil metros de profundidade, em busca dos segredos do Akula II. Era uma falta de imaginação imperdoável.

André acionou o gravador e começou a ditar:

— O casco parece ter se fragmentado. Estou circundando os hidropianos da popa. Há uma espécie de carenagem de sonar ou antena no topo do hidropiano superior. As hélices são de um desenho totalmente



novo. Não me admira que esses peixes sejam tão silenciosos. Estou começando a fotografar.

Acionou um interruptor e a luz estroboscópica do flash relampejou na noite abissal. A mensagem no rádio o pegou de surpresa. O navio de apoio tinha combinado de fazer silêncio de rádio a menos que houvesse uma emergência.

— Starfish, Starfish. Fique alerta. Você não está sozinho.

André sentiu um frio na espinha. O que eles estavam querendo dizer? O número de submarinos capazes de operar nessa profundidade era contado nos dedos de uma única mão. E os russos não tinham nenhum.

— Starfish, Starfish. Temos um contato duplo no fundo, mil metros a leste de você. Movendo-se rápido ao seu encontro. Assuma atitude defensiva. Repito, atitude defensiva.

André obedeceu sem discutir. Desligou as luzes, parou os motores para não oferecer um alvo claro no sonar. Não fazia sentido. O Akula tinha naufragado há 40 dias. Mesmo que os soviéticos tivessem uma nave capaz de operar nessa profundidade, não iam deixá-la esse tempo todo guardando um destroço.

A menos que eles tivessem algum tipo de nave robô assassina.

— Starfish, Starfish. Contato duplo a 600 metros, trajetória errática. Aproximando-se rápido de você. Ação evasiva a seu critério.

André começou a suar apesar do frio dentro da pequena cabine. O Starfish era um submarino de pesquiseira. Jamais poderia fugir de um torpedo, não tinha velocidade para isso. E a essa profundidade não seria preciso nem uma carga explosiva. Bastava a energia cinética do impacto, uma pequena rachadura no casco e adeus.

A pressão daquela água negra lá fora era tão grande que as primeiras gotas que entrassem atravessariam o corpo de André como balas de revólver. Seria transformado numa papa orgânica que alimentaria aqueles seres luminosos lá fora. Bom, pelo menos tinha o consolo de que não morreria afogado.

— Starfish, Starfish. Contato único, 300 metros, movendo-se no fundo. Reduzindo velocidade. Vai poder vê-lo a qualquer momento.

Encolhido dentro da cabine de metal, André Page esperou. Um pavor

intenso querendo sufocá-lo. O coração batendo forte em seu ouvido.

— Starfish, pode me ouvir? Contato em sua posição agora. Velocidade zero. Pode ver alguma coisa?

Sim, André podia ver, mas isso não significava que pudesse compreender o que estava vendo. Havia uma série de brasas, cor de rubi, brilhando na escuridão lá fora. Pareciam ondular em conjunto, como se fizessem parte de alguma estrutura sólida invisível.

A medida em que sua vista se acostumava à escuridão, ele pode perceber um brilho pálido, cor de ambar, envolvendo os carvões brilhantes. Ondas e tramas luminosas pálidas fluíam, saltando em meio a constelação de rubis. Era como um show de luz neon sendo encenado a 6 quilômetros e meio de profundidade.

André não conseguiu mais se conter. A curiosidade substituiu o medo e ele acendeu os holofotes do submarino.

A lula gigante parecia uma árvore tombada num documentário sobre a devastação da Amazônia. O corpo do bicho tinha quatro metros de diâmetro e era grande demais para ser captado pelos holofotes. Os tentáculos, com dezenas de metros de comprimento, ondulavam, espalhando-se em todas as direções, como se fossem as raízes da árvore a batida. André não pode deixar de perceber as ventosas do tamanho de pratos, orladas por um serrilhado osseo cortante.

Mas o que mais o impressionou foi o olho do bicho. Era maior do que a escotilha de observação do Starfish One. E havia uma expressão, um sentimento naquele olho colossal. André tinha certeza de que a lula podia vê-lo. E havia pavor, um medo inconfundível no olhar do gigante das profundezas.

O encontro durou menos que um minuto. Incapaz de suportar a claridade cegante dos holofotes, a lula expeliu uma nuvem de tinta fosforescente e desapareceu na escuridão. Sua partida provocou um redemoinho tão forte que o pequeno submarino girou sem controle.

André sentiu um sentimento de euforia. Uma alegria intensa agora que toda a tensão se esvaía. Estava vivo e incólume. Não havia nenhuma arma secreta soviética lá

fora. Só uma lula gigante assustada. O hidrofone continuava a chamá-lo insistentemente:

— Starfish, Starfish. Pode me ouvir, Starfish? Pode me ouvir?

Acionou o transmissor.

— Starfish, Posso ouvi-lo alto e claro. Vou ejetar o lastro e começar a subir. Você não imagina o que tinha aqui embaixo.

— Starfish, tenha cuidado. O segundo contato está quase em cima de você agora. É grande. Meu Deus. É grande como um porta-aviões.

André gelou. A lula estava assustada, fugindo de alguma coisa. Não tivera tempo de pensar no assunto. Imaginar o que faria uma lula de 40 metros fugir apavorada.

Ia descobrir dentro de alguns instantes. Grande como um porta-aviões. Nenhuma baleia era tão grande assim. Começou a rir dentro da cabine. Um riso nervoso. Histérico.

Depois se concentrou e apagou os holofotes. Na escuridão eterna do abismo o melhor modo de chamar a atenção era acender um holofoté. E André não queria chamar a atenção de fosse lá o que fosse que caçava lulas de 40 metros.

Era tarde demais. Assim que desligou as luzes André teve a impressão de que o submarino tinha mergulhado dentro de uma aurora boreal. Uma coisa como uma fita ondulante de luz neon, azul violeta o envolvia. Era linda, a coisa mais bonita que André já tinha visto no fundo do mar. Uma parede luminosa ondulante, com uns quatro metros de largura e um comprimento impossível de determinar. Estava nadando em volta do mini submarino como se o inspecionasse. Rios de luz violeta, como faíscas elétricas, fluíram ao longo da coisa, criando tramas hipnóticas, subdividindo-se, ondulando e emitindo centelhas luminosas.

André lembrou-se das tramas luminosas envolvendo o astronauta no final do 2001. Douglas Trumbull tinha que ver esse bicho, era uma máquina slit-scan viva. André estava

hipnotizado, fascinado por aquele delírio de luz fluorescente.

A cabeça da serpente marinha surgiu diante de sua escotilha. A boca do bicho poderia ter engolido um mergulhador inteiro, sem mastigar. Tinha dentes de 7 centímetros que brilhavam com uma fluorescência interna. Os olhos eram verdes, contrastando com a luminosidade azul violeta do resto do corpo. O operador do sonar tinha exagerado. A serpente luminosa não era tão grande quanto um porta-aviões, tinha uns sessenta metros no máximo. Um adversário formidável para a lula gigante, mas nada que pudesse ameaçar um homem dentro de uma esfera de titânio reforçado.

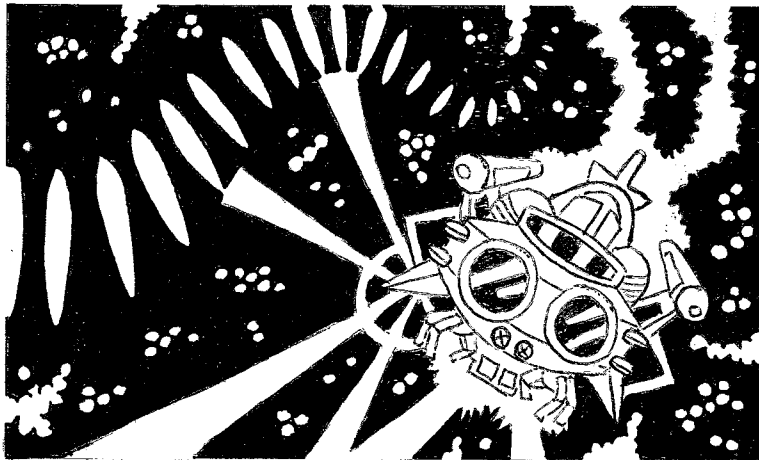
André percebeu súbitamente o papel de idiota que estava fazendo. Lá fora, a alguns metros diante dele, estavam criaturas que nenhum homem vivo jamais vira e o que ele fazia? Ficava olhando embasbacado sem tirar nem uma foto.

Acionou as câmaras e tentou enquadrar a cabeça da serpente luminosa. Jacques Cousteau ia ter uma síncope quando visse isso na TV. Era mais fantástico do que as imagens do Homem na Lua. Era o filme do ano.

Começou a filmar e fotografar sem parar. Irritado com os relâmpagos do flash, o bicho começou a brilhar intensamente, padrões rendados fluindo sobre seu corpo. De onde ele tiraria tanta energia para alimentar a tela de neon de sua pele? Na cabeça, acima dos olhos, haviam umas antenas ou apêndices flexíveis que começaram a flexionar, apontando para o submarino.

André estava tão excitado que nem pensou em perigo. Nem tentou fugir. Continuou filmando e fotografando.

Até ser atingido pela descarga de meio milhão de volts da Grande Serpente Marinha.



#### ASSINATURAS

Valem para 2 edições, no valor de 6 BTN's. Favor enviar cheque nominal cruzado para RENATO ROSATTI.



# VOANDO NAS TREVAS

por ROBERTO SCHIMA

Nas vastas planícies da Valáquia,  
Eu me perdi.

Inspirando o aroma da noite  
Num coração que está frio para a  
vida.

E, todavia...

Ele se aquece com as lembranças:

Flores douradas na primavera,

O sorriso de Nadia no verão,

Retinir das armas no outono

E o odor da morte no inverno.

O tempo não existe para mim.

Eu me perdi.

O castelo de meus ancestrais

tombou.

Mãos de outras eras dele fizeram

pó.

Planícies sumiram sob construções.

Águias de metal rasgam o céu,

Violam estrelas valaquianas.

Torres de vidro, monolitos de

cristal.

Nadia, onde está?

Eu me perdi neste mundo,

Cujas formas, sons e cores não  
mais reconheço.

Eu me perdi nesta Valáquia  
Que tras outro nome, outros

líderes,

Outras lembranças que não as  
minhas.

Perdi tudo, querida Nadia,

Você mais que tudo.

A troco de sangue e vida sem fim.

Longa vida.

Vida na morte, morte na vida.

Das terras, de todos os lugares e  
horizontes,

Somente as estrelas são as mesmas;

Companheiros mudas que, como eu,

Partilham a solidão e o frio da

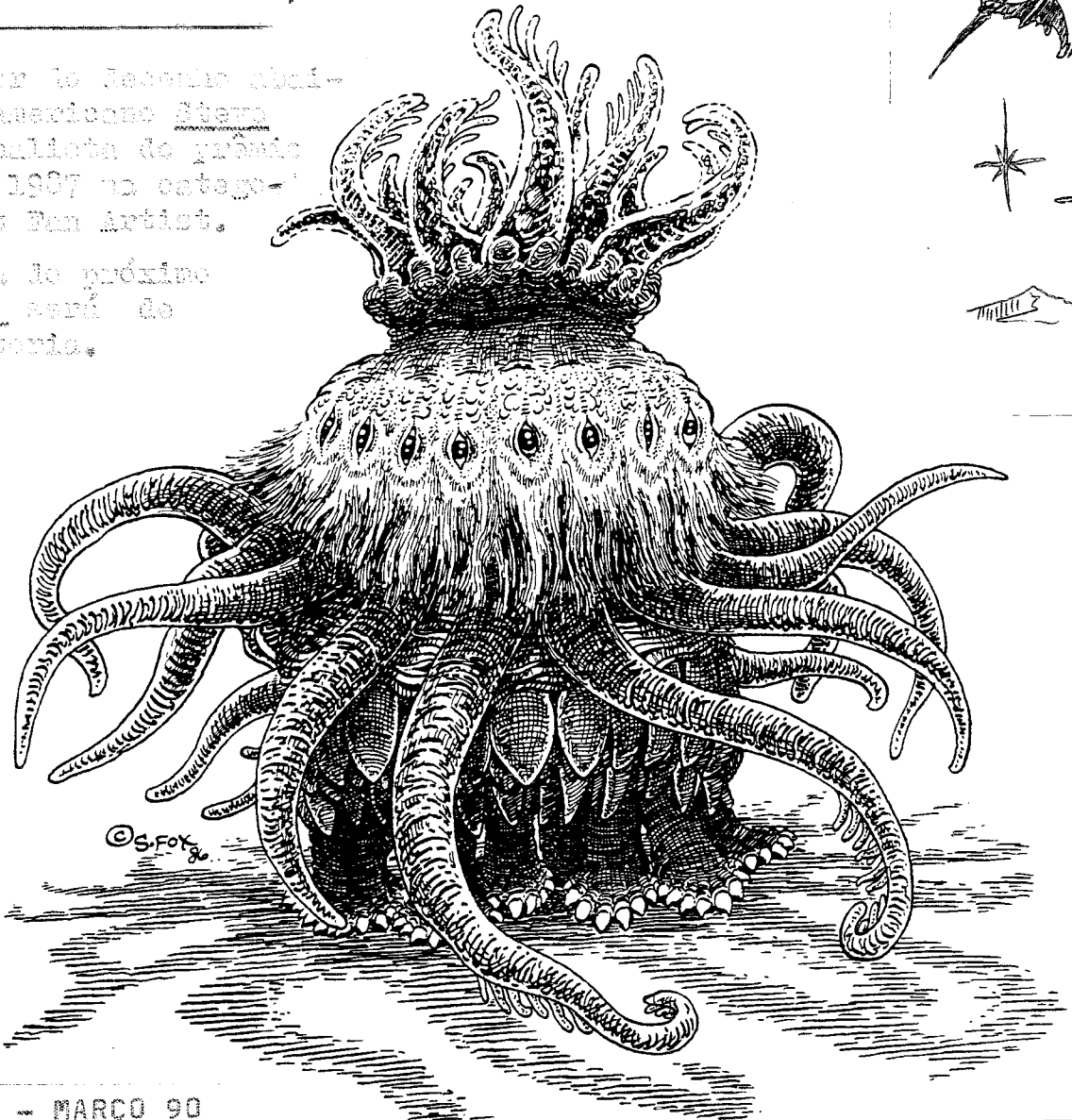
noite

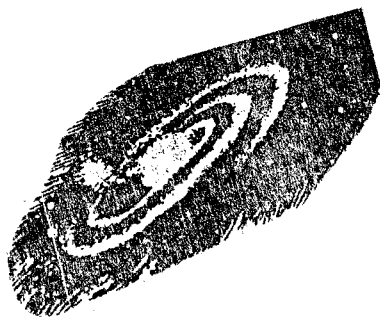
Através das eras.

Eternidade.

O autor do Jecoris acima  
é o americano Stuart  
Fox, finalista do prêmio  
Bugo em 1987 na catego-  
ria Best Fan Artist.

A obra do próximo  
MEGALON será de  
sua autoria.





## abismos submarinos

Uma das maiores aventuras de exploração científica da última década foi a exploração dos abismos submarinos pelos cientistas americanos do laboratório Woods Hole. O vale oceânico onde a crosta da Terra nasce é um mundo tão estranho quanto a superfície das luas de Saturno. Não é à toa que o cineasta James Cameron colocou nesse ambiente os seres luminosos de "O Segredo do Abismo". Afinal, o fundo do oceano ainda é tão inexplorado quanto o espaço exterior. É ao contrário do espaço, lá nós temos certeza de que existe vida. Criaturas de pesadelo, como os monstros que povoam os filmes de aventuras espaciais.

O fundo do abismo é um mundo de escuridão eterna, tão negro quanto o espaço. A luz do sol não penetra além dos 200 metros de profundidade e a profundidade média do oceano é de quatro quilômetros. Os cientistas que foram até lá, a bordo do mini-submarino Alvin, sabiam os riscos que corriam. Se uma das janelas do submarino quebrar, a quatro quilômetros de profundidade, os tripulantes nem terão tempo de morrer afogados. Impulsões pela pressão esmagadora, as gotas de água atravessarão seus corpos como balas de revólver.

O oceanógrafo Robert Ballard conta o que viu no fundo do Oceano Pacífico, num local onde duas placas tectônicas estão se separando. Um jato de água negra saía de uma fenda cheia de lava incandescente, onde uma nova crosta terrestre estava se formando. Vermes de cor vermelha sanguínea, com três metros de comprimento, ondulavam em volta das fontes de água quente. Alguns desses habitantes do abismo tinham penachos coloridos, como cacátuas, que balançavam na correnteza provocada pela passagem do submarino.

Os cientistas achavam que não poderia haver vida nesses abismos submarinos porque a luz solar não chega lá. Sem luz solar, raciocinavam, não pode haver fotossíntese nem plantas. Sem plantas não há animais.

A vida terrestre todavia, é capaz de se adaptar às condições mais difíceis. As fontes de água quente, nas fendas oceânicas, foram colonizadas por um tipo de bactéria que se alimenta do gás sulfídrico que brota do interior da Terra. Elas comem o sulfureto do gás e usam sua energia para produzir açúcares e amidos. Multiplicando-se aos bilhões, essas bactérias coloream a água do mar, transformando-se numa substância leitosa, que sei como fumaça das chaminés vulcânicas.

Os vermes gigantes capturam as bactérias e criam uma simbiose. O verme fornece abrigo à bactéria e o oxigênio do seu sangue. Em troca, a bactéria produz os hidratos de carbono de que o verme precisa para viver.

Outras criaturas se aglomeram em volta das fontes vulcânicas, compartilhando da água quente com os vermes gigantes. São enormes ostras e carangueijos, estrelas do mar e anênomas, criaturas ferozes que imitam plantas para devorar qualquer organismo pequeno que se aproxime. Cientistas como o biólogo Cyril Ponamperuna, da Nasa, acham que as condições nesses oásis abissais são iguais às que existiram na superfície da Terra, quando a vida surgiu. Os processos que deram origem à vida em nosso planeta ainda podem estar ocorrendo por lá. Esse seria o verdadeiro segredo do abis

Enquanto Houver Natal... (oito histórias de ficção científica), Comerciando Rocha Dorea, ed. Ficção Científica GRD Nº 4, Edições GRD, São Paulo, 1969, 87 páginas. Capa de Roberto de Sousa Gauso.

Éis aqui uma antologia interessante, voltada para um tema relativamente comum, mas pouco exercitado no Brasil. Falar de Natal através da FC é um pouco difícil, porque o autor tende a centrar-se em viagens no tempo para o instante do nascimento de Cristo, em projeções desse acontecimento para outros mundos, e associações com os elementos da lenda natalina. Vamos ver como estes autores trataram o tema:

José dos Santos Fernandes, com seu "Atendimento Domiciliar" leva um médico, através de um acidente com uma nave temporal, para um local e época indeterminados, onde ele presta o atendimento. Nesta estréia profissional de Fernandes vemos sua prosa e econômica usada com funcionalidade, numa história simples, bem narrada, sem grande impacto mas capaz de transmitir o "sentimento natalino". Como na sua participação na antologia amadora Verde...Verde..., esta história lembra um pouco o estilo próprio da "Golden Age" norte-americana (inclusive nos nomes não latinos).

Jorge Luiz Calife, com seu "A Estrela dos Magos", leva o tema até a Lua, onde um brasileiro sofre acidente com um carro lunar. Para voltar ele se guia por uma estrela especial. Um conto sem nenhuma ressonância maior, apesar da prosa transparente e precisa de Calife.

Álvaro Malheiros, um dos antigos nomes da "Geração GRD" dos anos 60, aparece com "Natal G-3-327", projetando o acontecimento natalino para outro mundo. Mais um conto que, embora bem narrado e construído, não causa um impacto maior nem introduz grandes idéias. Contudo, a presença dele neste trabalho é interessante por oferecer um conto de comparação entre um autor da Geração GRD e os desta nova geração. Note algumas diferenças na prosa mais elaborada de Malheiros.

Dinah Silveira de Queiroz, outra representante da Geração GRD e um de seus nomes mais destacados. Seu conto "O Céu Anterior" desloca o tema para um ambiente subterrâneo controlado, onde um jovem perturbado é entrevistado por um médico, à respeito de uma "estrela que queria dizer algo" e que fora localizada em pesquisas de momentos astronômicos do passado. Um conto com idéias originais e paisagem diferente, sem ser óbvio e com um final inteligente. Tanto este quanto o anterior estão presentes também na antologia Histórias de Acontecerá, Nº 12 da primeira fase da Ficção Científica GRD, nos anos 60.

H. V. Flory, com "Feliz Natal 20 Bilhões", também procura uma abordagem alternativa para o tema Natal. Num Terra superpovoada um mata-dor é contratado para eliminar um político na noite de Natal. Flory tenta fazer uma analogia entre o comportamento psicopata do personagem com a agressividade que surge em ratos, num ambiente superpovoado. Uma boa idéia, que foi executada com alguma eficiência e impacto. Mas Flory esbarra nos temas anteriormente vistos na sua antologia Só Sai quem Não Vem por Ai, os quais não foram solucionados então e que, sem maturação, parecem já se adicionarem como temas recorrentes de sua obra. A AIDS permitiu que a Igreja alcançasse um ponto ainda maior sobre as pessoas, por tê-las salvo da doença através da "reintrodução da monogamia, da castidade e da Palavra do Senhor". Éis um tipo de extrapolação duvidosa. De qualquer modo, a idéia para justificar a influência da Igreja na negação do controle de natalidade, favorecendo a coexistência interna do conto. Além desses problemas, Flory tem que economizar adjetivos e distanciar-se dos personagens, pois os está pintando demasiadamente caricaturais. Outro ponto discutível é o uso da analogia variada no segundo instante em que é empregada, perfeitamente dispensável. No mais, um conto de idéias muito boas, mas de execução sem muito brilho.

Maricé Gárrido tentou um conto de viagens livres, muito interessante e instigante. Seu "Missão 2512" é uma fantasia que FC, apesar de nave com as renas pintadas na fuselagem. A prosa de Calife é a melhor da antologia e o simples fato desta tê-lo conduzido para o foco das atenções dos fãs já confere méritos para a iniciativa.

Frederico Branco é uma participação estranha na antologia. O editor explica que seu conto "Merry, Joyeux, Feliz", apareceu em O Estado de São Paulo, há muito tempo, mas não dá datas nem explica quem é o autor, alijando a possibilidade de o ligarmos a alguma época ou movimento em particular. Seu conto fala de uma expedição a um sistema longínquo, deixando aos três tripulantes a responsabilidade de salvar a Terra, atacada por uma proliferação de algas vermelhas. No sistema em questão se encontra o elemento mineral que aniquila as algas. Bem narrado e estruturado, o conto é completamente desperdiçado na tentativa de final surpresa, associando elementos da lenda natalina.

Ivete Carlos Regina, vencedora das duas edições (1987 e 1988) do Prêmio Nova de Ficção Científica e um dos contistas da FC amadora cuja estréia profissional era das mais aguardadas. Aqui ela veio com "Pode Acontecer com Você no Natal", tratando de uma pesquisa de opinião realizada na noite de Natal. Encontramos seu habitual experimentalismo de linguagem e humor, num conto que é uma brincadeira e que, apesar da data em que se passa, 1999, dificilmente poderia ser definido como FC, e embora divertido e estimulante, não fornece o impacto que a antologia precisava em seu final. O câmpulo geral é o de uma leitura agradável, mas com poucos momentos de brilho, com os autores não fugindo do esperado e sem grandes idéias. Na verdade, torna-se difícil inovar e surpreender nesse tema, uma barreira a desafiar a visão dos autores.

Outros pontos favoráveis são a possibilidade de comparação entre duas épocas da FC brasileira e a estréia de nomes promissores que até então exercitavam-se apenas no âmbito normalmente restritivo dos fanzines.

# QUEM É ORSON SCOTT CARD

por Roberto de Sousa Cause



Um dos grandes nomes da, pouca conhecida entre nós, ficção científica e fantasia norte-americana atual, Orson Scott Card (foto ao lado) começou sua carreira

nos anos 70, após sua volta de uma missão religiosa da Igreja Mórmon no Brasil. Sua primeira venda, a novela "Ender's Game", foi finalista para o Hugo 1978 e acabou lhe dando o John W. Campbell Award para o Melhor Escritor Novo, no mesmo ano. Transformada em romance homônimo, Ender's Game ganhou o Hugo e o Nebula em 1986, assim como a sequência, Speaker for the Dead, no ano seguinte. Foi a primeira vez que um romance e sua sequência receberam os dois prêmios e a primeira em que um romancista recebeu ambos em anos sucessivos. Igualmente muitos de seus trabalhos curtos, contos e novelas, têm recebido tanto o Hugo e o Nebula quanto vários prêmios americanos para Fc ou fantasia e ou terminando como finalistas. Mesmo no exterior, como no Japão e Austrália, seus trabalhos vem sendo premiados e aclamados pela aceitação popular.

É exatamente essa incrível penetração de seu trabalho entre os leitores que faz de Card um nome único entre aqueles que se dedicam à Fc e fantasia. No mercado americano, por exemplo, onde são publicados mais de 1400 livros de F&FC por ano, parece que tudo o que Card produz, seja em ficção longa ou curta, destaca-se e recebe resposta positiva de público e crítica.

Seus trabalhos se caracterizam pelo domínio e uso imaginativo dos elementos da Fc e fantasia e pela preocupação ética com os seres humanos. Sua obra é cheia desse humanismo e emoção, de esperança no que há de positivo nas pessoas e na vida. Card acredita que a função de um escritor é mudar o mundo, preparando

as pessoas para as mudanças e sugerindo a elas as mudanças e os valores mais positivos. Ele tem prova de que a Fc é o veículo ideal para essa transformação.

Não se contentando com todos estes recordes, Card mostra-se também um dos mais ativos membros do fandom, dando palestras, workshops, cursos, atendendo a convenções e seminários e publicando seu próprio fanzine, SHORT FORM - com The Green Pages. Ele acredita que "A razão de porquê a Fc é essa literatura tão boa e vital é por causa do crítico e diálogo entre autores e fãs. O fato de que nós autores não lançamos nossos trabalhos no vácuo, mas ao contrário recebermos resposta e críticas, significa que nós podemos melhorar nosso trabalho muito mais rapidamente que o podem escritores nos outros campos; e o fato de que todo este útil criticismo ser feito não por profissionais que são pagos por seus julgamentos, mas por voluntários que estão lendo e escrevendo somente por amor pelo campo e interesse pessoal por sua qualidade, significa que nós não estamos trancafiados em algum estreito canal de pensamento acadêmico, mas que, ao invés, podemos alcançar livremente todo o universo de possibilidades quando desenvolvemos nossa arte. Em resumo, fãs são tanto uma parte da criação da Fc quanto os autores também o são(...)".

Com esse raciocínio em mente, e movido pelo amor ao Brasil, uma terra que considera seu segundo lar, Card tem injetado algo de seus esforços em discutir Fc e fantasia, no fandom brasileiro. Assim, o MEGALON tem o privilégio de reproduzir aqui sua coluna publicada na Fantasy & Science Fiction.

Em outubro deste ano, Card estará no Brasil como Convidado de Honra da InteriorCon, onde dará palestras e um "Brainstorm Literário".

# Books to Look For

BY ORSON SCOTT CARD

Esta coluna de resenhas é publicada regularmente na conhecida revista *The Magazine of Fantasy and Science Fiction*, sendo assinada por um dos grandes nomes da atual FC norte-americana, Orson Scott Card, que permitiu sua tradução para um fanzine brasileiro. Com a sua publicação o *Megalon* espera informar os fãs quanto ao estado do gênero nos EUA — não esquecendo que alguns dos títulos abordados acabarão chegando ao Brasil — e transmitir as opiniões de um importante autor prestes a estrear aqui.

## RESENHAS ESCRITAS EM NOVEMBRO DE 1987

- Chet Williamson **ASH WEDNESDAY** (Tor, encadernação em pano, fevereiro de 1987, 372 pp, US\$ 16.95)

Você acorda cedo de manhã porque todos os cães da cidade estão latindo desesperadamente, e a sirene do quartel dos bombeiros está ligada no máximo. Janela afora você vê algumas luzes azuis sombrias; depois de observar por um momento você percebe que elas são seres humanos, mas, simplesmente parados ali.

E em sua sala de estar há um outro exatamente como eles, o fantasma de um velho homem preto. Ele deve ter sido linchado há muito tempo ali mesmo, onde sua casa foi contruída, e lá está ele parado, congelado no instante da sua morte. Por toda a cidade estão todos os mortos, e todos os que uma vez lá viveram e morreram distantes dali — uma criança que caiu das escadas e morreu com o pescoço quebrado, uma vítima de batida de carro no momento torturante em que atravessou o pábr-bris.

Chet Williamson criou um romance de fantasia negra que não é sobre monstros que fazem "BUU" ou sangue que o faz engasgar. É sobre pessoas que são visitadas e modificadas pelo passado cruel. Enquanto o sacerdote local e cientistas de fora se esforçam para encontrar explicações para o evento, os fantasmas destroem as vidas de alguns, curam as vidas de outros. Em particular a história concernente a Jim Callender, que dirigia o ônibus escolar no qual seu próprio filho morreu — embora o acidente não tenha sido falha sua, a culpa consumia sua vida — e Brad Meyers, que perdeu a sua humanidade no Vietnã e o filho que amava no mesmo acidente com o ônibus escolar.

Nunca nos disseram exatamente por quê os fantasmas apareciam, mas nós sabemos a razão, apesar disso. Confrontados por seus mortos, as pessoas de Merridale se vêem face a face com o passado, e julgam a si mesmas. Essa é a fonte de todos o horror desta história — é assustador, e real.

Nungênero que produz imitações de Stephen King quase tão rápido quanto o próprio King produz a coisa real, Chet Williamson fez algo forte e novo. Você será assombrado por este livro. - Trad. Antonio Causo.

- Bob Shaw **THE RAGGED ASTRONAUTS** (Primeira edição americana: Baen Books, encadernação em pano, primavera de 1987, 310 pp, US\$ 15.95; edição inglesa: Victor Gollancz Ltd., 1986)

O povo de Land está há muito acostumado a esquivar-se dos ptertha, globos púrpura que contém um poder mortal. Eles flutuam em correntes de ar, mas parecem ter uma inteligência rudimentar quando eles zoram nos seus alvos humanos. E agora os ptertha estão ficando piores — seu veneno tem um alcance maior, suas táticas estão mais difíceis de evitar. Há também escassez de brakka, a árvore de que toda maquinaria, ferramentas e combustível são derivados, neste mundo sem metal. E assomando sobre tudo está o planeta-irmã Overland, tão perto que Land e Overland dividem uma atmosfera em comum.

A história acompanha os meio-irmãos Toller e Lain, levados para a Corporação dos Filósofos, enquanto eles tratam com o rei, o príncipe coroado, o real pai de Toller, a áustera esposa de Lain, e o bêbado líder de sua decadente corporação. Eu não estou contando segredos quando prometo-lhes uma viagem de balão-e-foguete de um mundo a outro, com o sentido de maravilha e detalhamento técnico plausível que proclama a história como sendo a melhor espécie de ficção científica. Eu também lhes prometo personagens que crescem e mudam e um texto que é claro e fluente — o qual proclama a história como sendo a melhor espécie de ficção, ponto.

THE RAGGED ASTRONAUTS é o que um romance de hard FC do século XVIII deveria ter sido, se Swift ou Defoe tivessem prestado mais atenção a Newton. Existem maravilhas suficientes para fazer você se sentir como se estivesse descobrindo a ficção científica pela primeira vez. Mas a história é ainda um grande romance, e eu cheguei a adorar e admirar as pessoas deste livro quando eles fizeram face aos terrores do fim de seu mundo. Shaw escreve com uma extraordinária combinação de inteligência, clareza e compaixão.

A história dos personagens é completa neste romance — mas eu espero que THE RAGGED ASTRONAUTS seja meramente o primeiro de uma série, porque quando cheguei à última página, odiei ter de deixar o maravilhoso lugar para onde Shaw me levará, que é para o que todos os escritores de ficção se esforçam e que tão poucos de nós alcançam. Meus aplausos, Mr. Shaw. Agora ocupe-se de escrever a bendita seqüência, por favor.

(Os votantes do Hugo parecem concordar com minha tributação ao livro — acabo de saber que THE RAGGED ASTRONAUTS é um finalis-

ta para o Hugo 1987. Ele já ganhou o prêmio da British SFA. Faz juz ambos os prêmios.) - Trad. Antonio de Sousa Causo.

- Stephen King **MISERY** (Viking, encadernação em pano, maio de 1987, 310 pp, US\$ 18.95)

O bem sucedido romancista Paul Sheldon estava dirigindo bêbado através de uma tempestade de neve nas montanhas do Colorado quando destroçou seu carro. Ele desperta e descobre que sua vida fora salva por uma mulher chamada Annie Wilkes, que se declara ser sua maior fã. As pernas dele estão esmagalhadas, ele se tornou viciado em analgésicos ilegais que ela lhe dera, Annie tem um bocadinho de temperamento sujo e, pior de tudo, ela realmente não gosta do modo como ele matou Misery Chastain ao final de seu quarto livro Misery.

É um romance de Stephen King de primeira classe. Se este livro não segurar você a noite toda é porque você não esteve prestando atenção. Não há uma mancha de fantasia no livro, ainda que Annie ganhe um lugar entre os mais extraordinários e críveis monstros em toda a literatura.

Mas este romance é importante por mais que seu inegável valor de entretenimento. Em MISERY, King profere um grito do coração. Paul Sheldon escreve seu quinto romance Misery, distraído de e ainda focado em seu trabalho pelo medo e agonia, ele entretanto vem a perceber que estava errado em desprezar seu próprio trabalho bem vendido, errado em deixar críticos zombadores seduzí-lo em pensar que se ele fosse realmente bom, teria escrito mais de seus ocios e auto-indulgentes romances literários. Erá seu trabalho bestseller que tinha integridade afinal, a outra espécie é que era falsa.

King está certo, é claro. A mais pernicioso obra sem valor literário é aquela louvada como arte no New York Times Book Review; enquanto o próprio King, que não é respeitado entre os auto-nomeados arbitros do gosto, é o principal cronista ficcional da América em nosso tempo. Ele escreve sobre pessoas reais, e ele escreve para pessoas reais, com o resultado de que King é exatamente tão bom quanto milhões de leitores pensam que ele é.

É certo que ele têm fraquezas; certo que ele tem alguns hábitos que passado um instante podem levar você à loucura. Assim fez Charles Dickens, o Stephen King dos 1800. Por exemplo, enquanto Dickens permitia-se uma não intencional coincidência, King quase sempre espreme um último bocadinho de pretense suspense fora de seus livros depois que a história real está acabada; MISERY não é exceção, e é particularmente desagradável desta vez, desde que o resto do romance tinha sido tão real. Mas tais falhas são triviais em comparação com poder moral e inesquecível visão de seu melhor trabalho. Perto de suas histórias, a ficção acadêmico-literária tão em moda nas faculdades de inglês parece a pálida sombra do contar histórias.

Inevitavelmente, os árbitros da moda literária caçoarão de sua tentativa de explicar a integridade de seu tipo de literatura. Mas o que isso importa? Eles poderiam ferir os sentimentos de King. Eles poderiam reasumir alguns merecedoramente inseguros escritores de literatura acadêmico-literária. Mas eles não podem mudar um simples fato: King está dizendo à América o que acreditar e com o que se importar, e a América está ouvindo. Quantos outros contadores de histórias podem reivindicar tanto? - Trad. Antonio e Roberto de Sousa Causo.

- Lucius Shepard **JAGUAR HUNTER** (Arkhan House, encadernação em pano, 404 pp, US\$ 21.95)

- Kim Stanley Robinson **THE PLANET ON THE TABLE** (Tor, encadernação em pano, 241 pp, US\$ 14.95)

Vocês que lêem esta revista devem conhecer estes dois escritores e ter provavelmente lido muitas das histórias destas duas antologias. As histórias de Robinson apareceram todas originalmente em UNIVERSE de Terry Carr, ORBIT de Damon Knight, ou aqui; e vocês deram uma primeira olhada no brilhante "The Man Who Painted the Dragon Graiule" de Shepard, sua indicada para prêmio "The Jaguar Hunter", e "Salvador", mais um par de outras que não são tão fortes.

Enquanto Shepard é capaz de ofuscar brilhantemente, ele é também capaz de fraquejar, perdendo-se na narrativa. Mesmo assim, quando uma história dele não é realmente bem sucedida, eu nunca me sinto frustrado por tê-la lido. Porque Shepard nunca está envergonhado. Mesmo se ele não sabe realmente como contá-la, ele sempre conta uma história com que ele realmente se importa. E quando a técnica é tão boa quanto a história, o que é usualmente o caso, não há ninguém melhor. Assim, Shepard é o melhor dos novos contistas dos oitenta, do modo como John Varley foi o melhor dos setenta e Harlan Ellison o melhor dos sessenta. Medite sobre isso, um escritor assim a cada dez anos não é tão mal, para uma humilde categoria de publicações um pouco comerciais, como sci-fi.

Robinson, por outro lado, parece querer manter uma distância de suas próprias histórias. Sua linguagem é precisa e esquisitamente aparelhada, e suas histórias fluem com inteligência. Este é um contador de histórias com uma impiedosamente clara visão do mundo. Este é um escritor no controle de seu trabalho.

Talvez controle demais. "Não se importe com meus personagens", parece estar dizendo. "Em vez disso note minha técnica, minhas idéias, minhas alusões, minhas estruturas simbólicas." Sua ficção sempre parece ser pré-criticada, com uma dolorosamente óbvia atenção aos valores da crítica acadêmica, deixando você frio justamente quando você quer que a história esquente. O resultado é que mesmo se você terminar se importando profundamente com seus personagens, você se perguntará se o autor não está ao menos um pouquinho embaraçado com o pensamento de que o leitor realmente ficou emocionalmente envolvido. Isso seria tão ingênuo, tão não-literário.

E todavia Robinson faz você se importar, e suas histórias mais recentes finalmente passama barreira de sua própria linguagem para ser o tipo de história que poderia bem mudar a vida do leitor. Desafortunadamente, nenhuma daquelas histórias recentes está nesta antologia. Então, enquanto há muito a que admirar e com o que pensar em PLANET ON THE TABLE, há pouco para amar.

Ambos Shepard e Robinson são muito talentosos, e os elogios que têm recebido é bem merecido. Você não pode entender a ficção científica dos 1980 sem conhecer o trabalho deles, e estas são duas antologias que valem a pena possuir em capa dura. Mas Shepard parece saber instintivamente o que tantos outros escritores aprendem após anos de frustração, ou nunca aprendem: Grande narrativa requer grandes histórias e grande texto, substância e estilo em equilíbrio. - Trad. Antonio e Roberto de Sousa Causo (N. do T.: a antologia de Robinson apareceu em 1988 como o número 63 da Caminho Ficção Científica, com o título PLANETA SOBRE A MESA.)

#### RESENHAS ESCRITAS EM DEZEMBRO DE 1987

● Vladimir Voinovich **MOSCOW 2042** (Harcourt, Brace, Jonanovich, encadernação em pano, 1987, 242 pp, US\$ 16.95)

A ficção científica tem muitos pais (poucos deles inclinados a legitimar sua prole, aliás). Um dos mais orgulhosos deles é a tradição da sátira social extravagante. Muito antes de haver essa coisa de ficção científica, Thomas More e Jonathan Swift e muitos outros estabeleceram suas crônicas e verossímeis sátiras em futuros ou distantes terras ou histórias alternativas; hoje é quase impossível escrever essa espécie de sátira sem que ela pertença, em algum grau, ao território da ficção científica. O nosso pode ser um gênero bastardo, mas nós temos a firme posse de nosso gramado.

Em **MOSCOW 2042**, Vladimir Voinovich enfrenta toda a sociedade russa contemporânea com não menos bravura que Swift. Ele mesmo um emigrante, Voinovich obviamente tem dolorosas verdades para contar sobre a vida na União Soviética e as contradições dentro dela. Entretanto, como qualquer satirista verdadeiro, ele permanece em coração como um membro da comunidade para a qual ele clama por correção. Ele é um russo, escrevendo para e sobre russos; é nosso privilégio ouvir por acaso sua história mordaz e engraçada de matar. Uma história de ficção científica, eu me apresso em acrescentar.

O narrador, Vitaly Nikitich, é um emigrante russo escritor de romances que acontece de fazer uma viagem para o futuro — ele arranja passagem num avião de viagem no tempo que o leva para Moscou em 2042, onde descobre que ele é o herói da utopia comunista. Como deveríamos esperar, as coisas não são todas como parecem ser; mas então, Voinovich não está tentando surpreender-nos com a notícia de que o comunismo é sustentado por repressão e hipocrisia. O que faz este livro engraçado e verdadeiro é o modo como os seres humanos se adaptam para viver dentro do sistema, todos fingindo um ao outro que ele funciona.

Nem Voinovich poupa aqueles neste lado da Cortina de Ferro. Em particular ele atira em Solzhenitsyn, através do personagem Sim Simych, um arrogante exilado russo que é mais czarista que democrata. Entretanto, Sim Simych mostra ter uma espécie de magnificência em sua tolice, como faz Voinovich.

E, apenas como Voinovich cuidadosamente nega que Simych é Solzhenitsyn por referir-se ao próprio Solzhenitsyn dentro do livro, ele também nega que este livro seja ficção científica. Ele está deliberadamente nos enganando. Ele usa todas as ferramentas da ficção científica — usa-as bem — de modo que, quando ele deliberadamente embrulha seus personagens em pardoxos de viagem no tempo, tem-se a sensação de que ele peca, não através de ignorância, mas por delicioso desígnio.

Aventura de ação isto não é. Maravilhosa FC satírica é, na tradição de Swift — e Pohl e Kornbluth. - Trad. Roberto de Sousa Causo.

● Patricia Geary **STRANGE TOYS** (Bantam Spectra, brochura, 1987, 248 pp, US\$ 3.50)

Eu não considero como uma exigência que histórias de horror devam me chocar ou me fazer vomitar; usualmente, eu prefiro que elas não o façam. O que eu peço ao horror é que me encha de ansiedade e temor, então resolvendo minha tensão com o fim da história.

Desafortunadamente, porque chocar pessoas e vulgarizá-las é fácil, há muito mais contadores de histórias que alcançamaqueles feitos do que quem administre as sutilezas de personagem e linguagem e evento que criam a ansiedade geral e o profundo e inesquecível temor que mar-

ca os verdadeiros mestres do gênero.

Agora, se você está perfeitamente feliz com a escola de horror "chave-de-fenda-atravs-do-olho", ignore esta resenha. Patricia Geary não é para você. (a coluna de Harlan Ellison de setembro cuidou de suas necessidades arcanas, de qualquer modo.)

Mas se, como eu, você anseia por histórias que o façam profundamente inquieto, não por causa de algum obscuro nevoeiro de maldade ou algum grosseiro monstro de pesadelo, mas sim por causa do poder das pessoas reais em ferir e perturbar um ao outro, então eu tenho um bom livro para você.

**STRANGE TOYS** de Patricia Geary é sobre uma garota chamada Pet e seu relacionamento com a gorda irmã June (que sempre reclama de sua gordura), a elaborada vida imaginária delas com seus brinquedos, e a igualmente imaginária vida de seus estranhos pais, Stan e Linwood. Não é, contudo, a excentricidade destas pessoas que me conquistou — é a absoluta verossimilhança delas.

O mais importante para o livro, embora ela mal apareça nele, é a perigosa irmã mais velha de Pet, Deane, que criou uma vida de magia negra e que agora, em sua ausência, opera poderosamente na vida de Pet. Eventualmente suga a família inteira para fora de sua casa e os põe numa longa viagem sem qualquer destino pelo qual eles devam ter esperado. Pet usa a jornada como uma tentativa para dominar as mesmas forças que Deane aprendera a usar; ela descobre que esperava demais delas, embora também nunca aprendera a acreditar nelas o bastante.

Você amará estas pessoas; elas partirão seu coração. E se Geary parece incerta ao fim do romance sobre o que a coisa toda foi afinal; se ela parece indisposta a nos contar claramente o que aconteceu nas cenas finais; bem, eu diria que vamos perdô-la por isso — ela é escritora-em-residência num departamento de inglês, afinal, então ela não pode vir e apenas contar-nos o que aconteceu, pode? Se então qualquer um pode entender um livro, ele não pode ser arte, certo?

**STRANGE TOYS** é bom o bastante ao longo do caminho para que possamos perdoar o final esfarrapado, e esperar que em futuros livros ela carregará sua clara e peculiar visão direto até o fim. - Trad. Roberto de Sousa Causo. (N. do T.: Harlan Ellison possui uma coluna sobre filmes, na mesma revista.)

● John Crowley **AEGYPT** (Bantam Spectra, encadernação em pano, 1987, 390 pp, US\$ 22.95)

Eu li **THE DEEP** de John Crowley em 1977, acho. Eu nunca houvira falar dele; havia uma citação na capa de LeGuin ou Ellison que me levou a escolhê-lo e comprá-lo. Era um maravilhoso, difícil, estranho romance de fantasia que parecia ter um fio linear que ficava se perdendo. Aprendi mais sobre as possibilidades do escrever por aquele livro que por qualquer outro livro de ficção científica que eu jamais lera. Então, não muitos anos depois, seu terceiro romance, **ENGINE SUMMER** tornou-se o que é, em minha mente, um dos grandes romances da ficção científica. Não importa que ele nunca ganhou um Hugo ou Nebula — tenho de boa fonte que aqueles prêmios vão apenas para escritores "sci-fi" nestes dias, de qualquer modo. Crowley é simplesmente brilhantemente original. Mesmo livros espetacularmente chatos como **LITTLE, BIG** não diminuem minha admiração por ele — mesmo no fracasso ele se eleva sobre muitos escritores menores.

Seu último romance, **AEGYPT**, é um espetacular sucesso — precisamente porque, por qualquer definição de padrão, é um romance polihento. Isto é, ele não tem um início e meio e fim. Segue várias linhas de enredo de uma vez, todas elas interessantes, mas todos eles eventualmente deixados desatados, nunca totalmente resolvidos. É como se o livro fosse girando em círculos, e em algum momento durante o passeio o autor pula fora do carrrossel e diz, "Lá. É sobre isso que era tudo".

E é sobre isso o que **AEGYPT** é. Outro modo de olhar a História, o tempo, a vida humana. A idéia de jornadas circulares que insistimos, em nossa arrogância moderna, em ver como jornadas lineares. Vida é um ciclo de círculos de rodas, trabalhando num intrincado padrão ptolemaico através do céu, dizem os personagens em **AEGYPT**, e Crowley prossegue para escrever um romance que espelha exatamente o que os personagens acreditam.

Em resumo, Crowley seriamente propõe (ou quase seriamente — isso é ficção, afinal) que muito, talvez a maior parte, da História humana é completamente fora do alcance de nossos métodos lineares de narrar — e então prova seu exemplo produzindo uma história que é um genuíno artefato de seu mágico Aegypt.

Eu sei, não contei a vocês uma coisa sobre a história. Eu não vou, Vou apenas contar-lhes que esta é ficção de idéias no melhor sentido — os personagens são pessoas para quem idéias e entendimento importam, que tem pensamentos e conversas que valem ouvir, e que se movem através de vidas que parecem ordinárias e ainda tocam em profunda estranheza em muitos pontos surpreendentes. Crowley viu as possibilidades da ficção científica e as usou para criar um mundo que nunca vimos antes. Eu o incito a viver nesse mundo por um instante. É o único mundo no qual esta sentença do fim do livro não é tautologia:

"Continuamente, desapercivelmente, à razão de um segundo por segundo, o mundo gira do que tinha sido e para o que era para ser."

- Trad. Roberto de Sousa Causo.

● Peter S. Beagle **THE FOLK OF THE AIR** (Ballantine/Del Rey, encadernação em pano, 330 pp, US\$ 16.95)

**THE FOLK OF THE AIR** não é uma sábia e aguda fantasia como **THE LAST UNICORN**. Nem é uma lenta e intelectual história de fantasia como **A FINE AND PRIVATE PLACE**. Mas então, aqueles dois livros não são

parecidos um com o outro. Peter S. Beagle não é um escritor que gagueja ou se repete. Quando ele conta uma história, ele tem a ver com ela, e então num instante seguinte ele conta uma outra que não tem nada absolutamente a ver com a primeira.

Exceto por isto: Se Beagle a conta, é uma danada de uma boa história. **THE FOLK OF THE AIR** começa quando Farrell chega em sua velha cidade natal de Avicenna, Califórnia. O carona que ele pegou em Pima tenta roubá-lo; Farrell acha um jeito de não ser roubado, numa ultrajante cena de divertida ação. Nem Beagle nega a promessa do primeiro capítulo. Há uma profusão de ação, juntamente com maravilhosos personagens e todas as ricas possibilidades de uma fantasia mágica passada dentro do contraditório mundo da Sociedade para o Anacronismo Criativo.

Farrell, um tocador itinerante de alaúde que conseguiu evitar qualquer coisa remotamente parecida com compromisso em sua vida, viera para casa procurando por permanência, embora ele não o saiba. Ele fica com seu amigo de infância Ben, que está vivendo com uma estranha mulher mais velha chamada Sia. Um velho amor de Farrell, Julie, apresenta-o à SCA — não, perdoem-me, à "Liga para os Prazeres Arcaicos", onde uma jovem moça auto-impostada, de nome Aiffe, está envolvida em tanto profundamente demais com sua persona de bruxa.

Mas tudo bem. Perigosa como é, Aiffe está agarrada em algo grande demais para ela e quando Farrell fica mais profundamente envolvido nesta sociedade ardente, deliberadamente louca, ele começa a descobrir quem uma porção de pessoas realmente são — incluindo ele mesmo.

O que eu não posso crer é que ninguém mais tenha produzido um romance maior de fantasia realmente passado dentro da Sociedade para o Anacronismo Criativo. Metade dos escritores de fantasia na América hoje têm uma identidade SCA e assistem às folias de tempos em tempos. (Inferno, eu mesmo declamo poesia obscena na persona do lascivo Friar Orison.) Mas o resto de nós terá que amaldiçoar nossa oportunidade perdida e nos deleitarmos com o livro de Beagle.-Trad. Roberto de Sousa Causo.

### Michael P. Kube-McDowell **ISAAC ASIMOV'S ROBOT CITY: BOOK 1: ODYSSEY** (Ace, brochura, julho de 1987, 211 pp, US\$2.95)

Parece haver um jorro de livros nestes dias, em que jovens escritores poêm de lado sua própria imaginação e escrevem romances passados no universo ficcional de um muito mais famoso autor. A teoria é, suponho, que os jovens escritores por esse meio alcançam leitores que de outro modo nunca ouviriam falar deles. Não só isso, mas o valor do nome do Autor Famoso como uma comodidade comercial, pode trazer alguns cobres a mais sem que ele tenha que escrever alguns livros a mais.

Todo mundo é pago, ninguém perde, então qual é o mal? Você poderia mesmo chamar isso de uma espécie de maternidade substituta em literatura.

Você poderia também chamá-lo de o equivalente em literatura ao estupro estatutário. Mas desde que tantas pessoas o estão fazendo, deve estar OK, certo?

Harold Robbins tem sua linha de livros "Harold Robbins apresenta". Um amigo meu escreveu um par deles. Eles pagaram a ele um bom dinheiro. Mais que eu peguei pelos meus primeiros romances. Naquele ponto em minha carreira, eu teria dito não? Talvez. Talvez não. Mas, salvo a grana, isso não estaria ajudando em nada a sua carreira. Ele tem um terrífico original livro mainstream com excelente potencial comercial que ainda está desprezado após vários anos. E o dinheiro que ele pegou pelos livros de Robbins foi-se há muito.

Agora está acontecendo na ficção científica também. Por exemplo, a Tor Livros está lançando suas séries "Crossroads Adventure", com, de Jody Lynn Nye, **DRAGONHARPER**, "no mundo Pern de Anne McCaffrey"; de Matt Costello, **REVOLT IN MAJIPPOOR**, "no mundo Majipoor de Robert Silverberg"; e de Neil Randall, **STORM OF DUST**, "no mundo do Dragon Lord de David Drake".

Talvez sejam livros maravilhosos. Talvez você os adorasse e ficasse grato que a combinação de intelecto produziu tal fabulosa literatura. Mas eu não quero lê-los.

Eu nunca quis ler o romance Lensman de Robert Heinlein. Afortunadamente, ele nunca o escreveu. Ao invés, ele escreveu **TUNNEL IN THE SKY** e "All You Zombies". Talvez ele pudesse ter feito mais dinheiro escrevendo romances de Doc Smith. Mas graças a Deus ele escreveu romances de Robert Heinlein, ao invés. Porque se Robert Heinlein não os tivesse escrito, ninguém mais os teria escrito. O tempo que esses jovens escritores gastam escrevendo livros de algum outro é tempo que não gastam escrevendo os deles próprios.

Assim eu me encolhi ao ver o nome de Michael P. Kube-McDowell num outro romance de mundo emprestado, o primeiro livro de Isaac Asimov's Robot City. O que o autor de **EMPRISE** e **EMPERY** fazia aludando seu talento? A propósito, o que o autor de **FUNDAÇÃO** e "Robot Dreams" fazia aludando seu nome e seu mundo?

Com horrível fascinação, abri o livro e comecei a ler. Eu esperava odiar o livro. Eu queria odiá-lo.

Maldição, gente, eu não pude. Foi uma boa leitura. Eu tenho que ser honesto — Kube-McDowell consegue escrever, e a história me segurou o caminho todo.

Então... talento vence a justa com a cínica banalidade?

Não, não inteiramente. Há pelo menos três buracos de enredo que matam a plausibilidade do livro:

1. Um personagem passa seis semanas sem se comer, como uma grande refeição, e então caminha como se nada tivesse acontecido.

2. Aliens quase não conheciam humano algum por alguma razão adotaram "Estandarte" humano como patuá de bordo.

3. E a maior bobeira de todas: O personagem principal fica chegando à margem de uma cena decisiva, e então de repente nós pulamos para o próximo capítulo onde ele está acabando de acordar e tem de ir dar uma volta tentando descobrir o que aconteceu enquanto ele dormia. Três vezes, pessoal.

Kube-McDowell toma uma decisão única ao dissolver todos esses problemas, mas que nem mesmo chega perto de resolvê-los. Eu não posso ajudar, exceto pensando que se Kube-McDowell estivesse escrevendo um livro que fosse realmente dele mesmo, ele não deixaria passar tais idiotices. Certamente, se Asimov pensasse no livro como dele, ele nunca decidiria por isto. Mas de fato, nenhum deles investiu sua alma no livro, e ele o demonstra. Não em mau texto, mas em negligência.

Contudo, apesar de todo o meu desgosto pelo empreendimento completo, apesar das óbvias e dolorosas falhas, apesar das ilustrações fúteis no final do livro, apesar da enfurecedora conclusão "espere pela seqüência", eu não consegui largá-lo. Ele me segurou. Pode ter me feito mais estúpido no processo, mas eu o li de capa à capa e o apreciei até que comecei a pensar de novo. Se isso é uma recomendação, vá por ela.

No caso do bicho de escrever ter mordido você, você deverá apreciar **HOW TO ENJOY WRITING**, de Janet e Isaac Asimov. (Walker, encadernação em pano, 155 pp US\$ 15.95). Uma desprezível combinação de ensaios e Janet e Isaac Asimov e as palavras de outros escritores sobre a vida de se escrever, este é exatamente o tipo de livro relaxado e charmoso que você esperaria da dedicatória: "A versátil língua inglesa — a melhor ferramenta que um escritor jamais teve." - Trad. Antonio e Roberto de Sousa Causo

**OS LIVROS DE FeFC FAVORITOS DO TIO ORSON EM 1989** (resenhas escritas em janeiro de 1989)  
(em ordem alfabética por título)

Ben Bova, **CYBERBOOKS**(Tor) — Comédia não consegue respeito, e sá-tira se fecha fora da cidade — Mas tanto quanto me pareça, esta sátira está no palco para uma longa temporada. Bova está em boa forma com uma hilariante olhada no futuro — e no presente — da indústria editorial. E atrás da sátira você pode ver que Bova conhece e se importa profundamente com as pessoas que fazem livros.

Octavia Butler, **IMAGO**(Warner) — Butler corôa a série que iniciou com **DAWN** e **ADULTHOOD RITES**, com esta história de seres humanos lutando por uma identidade de espécie em face de um desafio genético vindo de desapiadados-ainda-que-compreensivos alienígenas. Que é mais importante, pergunta Butler, o que fomos ou que nos tornaremos?

Isaac Asimov, **NEMESIS**(Doubleday/Foundation) — Um dos grandes escritores da ficção científica no pico de sua forma. Asimov não negligencia interessantes idéias científicas nesta história de uma colônia espacial reclusa que descobre um planeta habitado, mas neste, como com seus outros romances recentes ele voltou-se para sérias explorações de ética e metafísica que merece mais que a mera comemoção ração de um bestseller.

Dave Wolverton, **ON MY WAY TO PARADISE**(Bantam) — O melhor romance de estréia que já li; acredito que este livro marca o início da carreira de um escritor que será popular e influente. Esta história de um latino-americano médico apanhado numa guerra interplanetária é também um aprofundamento na abertura da ficção científica para outras culturas.

Lisa Goldstein, **TOURISTS**(Simon e Schuster) — Brilhante estranheza mistura-se com uma lúcida visão da alma humana numa história que ainda retorna a mim em meus sonhos. Uma torturada família americana é apanhada numa antiga disputa entre grupos rivais numa mágica cidade do meio-este. É uma leitura aflitiva, embora tenha a profundidade e visão que o faz um dos grandes romances americanos dos 1980. - Trads. acima: Roberto de Sousa Causo.

**OS LIVROS JUVENIS FAVORITOS DO TIO ORSON EM 1989**  
(em ordem alfabética por título)

Peter Dickinson, **EVA**(Delacorte) — Não é para os tímidos a pródiga olhada de Dickinson a uma garota adolescente apanhada no corpo de um chimpanzé, lutando para sobreviver num mundo onde a humanidade rejeitou a natureza, e agora a natureza está rejeitando a humanidade. Dickinson é um escritor que regularmente prova que alguma da melhor ficção científica é comerciada para adolescentes.

Suzy McKee Charnas, **THE GOLDEN THREAD**(Bantam) — O terceiro na série de romances de Charnas sobre uma garota dotada com poderes de feitiçaria na Manhattan contemporânea, este pode ser o melhor. Os personagens são reais, e o conflito entre bem e mal transcende os clichês usuais. Charnas é especialmente boa em cobrir paisagens urbanas de cada dia com magia, perigo e beleza sobrenatural.

Lloyd Alexander, **THE JEDERA ADVENTURE**(Dutton) — A série **Vesper Holly** começou como uma travessura, com pouco para morder mas muito para apreciar. A diversão ainda está lá, mas com este livro Alexander — talvez inadvertidamente — tocou acordes mais profundos. True, a jovem heroína veio para esta terra árabe apenas para devolver um livro de biblioteca, mas a premissa absurda conduz a grande romance pelo final. - Trads. Roberto de Sousa Causo.

Em tempo: o livro "Moscou 2042", de Vladimir Voinovich, resenhado nessa coluna, acaba de ser lançado pela Editora Record.

# CLASSICS

## PLANETA PROIBIDO

POR GILBERTO SCHGEREDER

Conjuga-se a década da série de "2001: O Espetáculo do Cinema", "Planeta Proibido", dirigida em 1956 por Fred M. Wolfson, é um daqueles filmes que costumam aparecer com a mesma frequência nos listagens dos dez melhores em todos os tempos. Um dos aspectos do filme mais comentado é a profusão das críticas em torno a trama e a proximidade de seu enredo com a história do papa "A Tempestade", de William Shakespeare. Assim como o professor nunca ter lido a obra em questão, também não imagina que afirmasse que o filme seguiria os elementos de Shakespeare se fosse lançado internacionalmente. Mas, na verdade, trata-se de uma adaptação do filme de 1956.

Trata-se de um filme de ficção científica, com um enredo que se desenvolve em um planeta desconhecido, onde os astronautas encontram um ser alienígena que se parece com um esqueleto humano. O filme é uma adaptação de uma obra de ficção científica, com um enredo que se desenvolve em um planeta desconhecido, onde os astronautas encontram um ser alienígena que se parece com um esqueleto humano.

Teve sua estreia na televisão em 1956, que levou a obra para o ar em 1956.

Tem como protagonistas alguns das figuras importantes, principalmente uma mulher com a tripulação da nave transportadora, e os locais ilustres, uma aventura bem limitada. Ela é o comandante de uma missão no planeta Altair IV que futuro se trata. Tem como objetivo levar de volta à Terra um grupo de colonos mortos e alienígenas que realizaram pesquisas no planeta. Mas o que os terrestres encontram é bem diferente da substância que esperavam. Aprende a cientista Harbin (Walter Pidgeon) e sua filha Alta (Ann Franke) sobrevivem a uma catástrofe

ocorrida sob um clima de mistério pelo século. Para ajudá-las existe o cientista Robo Robotic, provavelmente a mais perfeita versão de um dos robôs de Isaac Asimov que já tenha surgido no cinema, inclusive o herói de "Os Três Robôs" por ele inventados. O sucesso de Robotic foi tão grande que o produtor Nicholay Mayfakt planejou apresentá-lo num filme de ano seguinte, "O Homem Invisível" (The Invisible Boy).

O roteiro científico fala de seres criados entre a espécie raça nativa de Altair, os Krell, a partir de uma espantosa tecnologia conseguida construir o sub. Ele também mostrar sua filha protoplasmica sendo

criada por um ser que se parece com um ser humano, mas que ela foi a causa completa da sua existência. Ela se desenvolveu de maneira diferente de qualquer coisa que ela conhecesse no planeta, e não possuía as características que

possuía. É como uma criança, vivendo num planeta onde mantém amizade com animais selvagens de todo tipo. As explicações de Harbin para manter sua filha afastada da tripulação são facilmente aceitas pelo capitão, mas o ser não recusa sua presença ao mal que vitima os demais colonos, e que se acredita tenha vindo também igualmente a raça original do planeta.

É quando surge a grande revelação do filme, a forma física do Krell, e a entidade energética superada. Nesse caso, pelo princípio científico. Por mais que seja a presença do planeta, incluindo a invenção da lógica dos Krell, o filme não é um filme. É visto que é despretensioso.

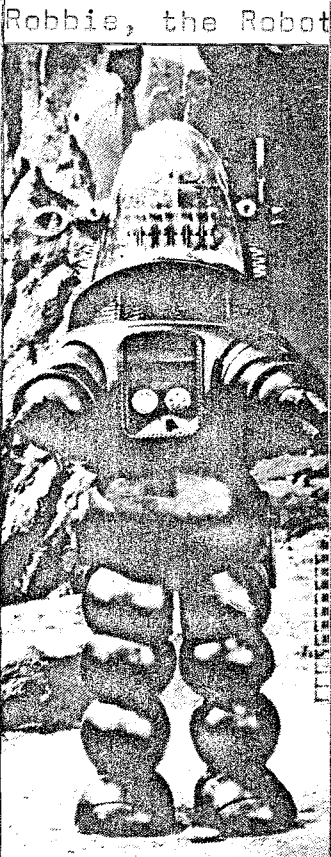




chegada dos homens e, principal-  
 mente, com a inevitável  
 conexão entre Francis e sua  
 infância e Nielsen, dá forma  
 a um monstro horrendo que  
 ataca os viajantes de reser-  
 va, para destruí-los de forma  
 que o cientista não pode,  
 a energia dos Krall, escondi-  
 da em algum lugar do planete-  
 ra, é controlada pelo mente  
 de Robbie, com que ele se a  
 porca.

Os efeitos e maquiagem com  
 trajes para o filme são ex-  
 celentes e, ao contrário de  
 que alguns críticos afirma-  
 ram recentemente, ainda atual-  
 e. Claro que não se pode  
 comparar com os recursos mo-  
 dernos de tecnologia, e que  
 seria uma estupidez, mas exi-  
 ste um festival de seres,  
 de nós do planeta Altair à  
 casa do cientista, e com bo-  
 ne canções para a estupefa-  
 ção e submissão das Krall,  
 mesmo considerando-se as espalhas  
 de "Cultura" em grande parte típi-  
 cas da TV de época, ao seja, por-  
 to de áreas que não cover de piar  
 em a grandes e pecados "antigos"  
 e alienígenas. De certa forma, parece  
 objetos são o toque de classe num  
 filme que já não de idade.

O monstro do filme aparece apenas  
 duas vezes, e quase sempre suas for-  
 mas estranhas são vistas de relance,  
 quando ele entra em contato com o  
 campo de força e os raios laser se  
 vadeia pela nave terrestre, que já  
 havia sido atacada anteriormente.  
 Durante ataques, todo o que se vê  
 são pagelas e outros tipos de dan-  
 ças de chão. O monstro propriamen-



te dita foi criação dos co-  
 tidios Disney, com sua tec-  
 nologia de animação sempre  
 avançadíssima.

Na época das vozes negras  
 que a TV no cinema atravessa-  
 ra, é sempre bom ter na me-  
 mória obras como "PLANETA  
 PROIBIDO". Usava os efeitos  
 especiais mais avançados da  
 época, mas não dispensava  
 a criatividade e uma aborda-  
 gem profunda dos personá-  
 gens envolvidos. Aspectos  
 dos quais, com certeza, mui-  
 ta gente já sente saudade.

PLANETA PROIBIDO - FORBIDDEN  
PLANET, EUA, 1956, MGM (ME-  
TRO GOLDWYN MAYER).

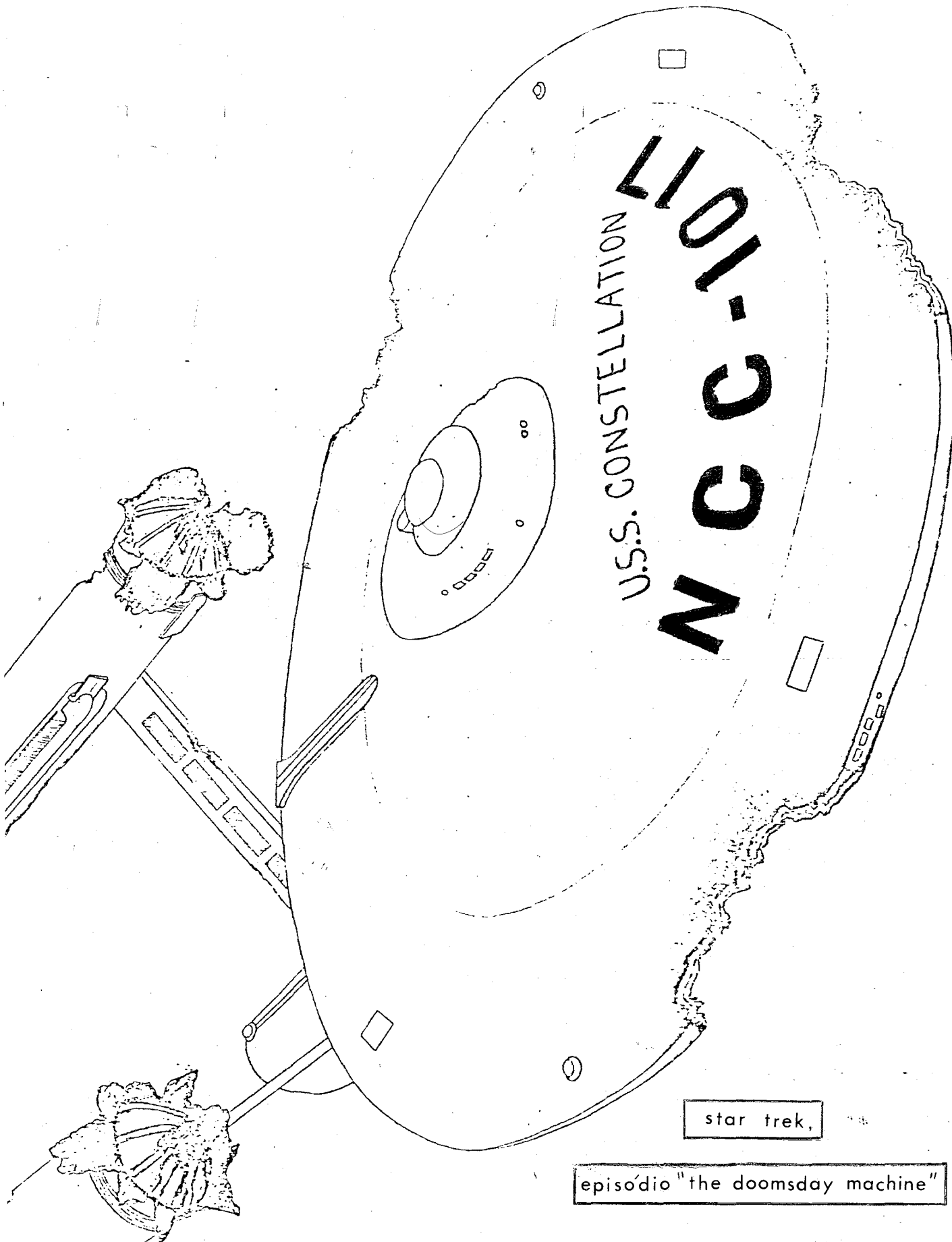
Dirigido: Fred M. Wilcox  
Produção: Nicholas Nayfack  
Roteiro: Cyril Hume, baseado

em história de Irving Block e Al-  
 len Adler. Fotografia: George J.  
 Folesey. Montagem: Fannie Webster.  
Música: Louis e Bebe Barron. Espi-  
tos Especiais: A. Arnold Gillespie,  
 Warren Newcombe, Irving G. Reis.  
Sequência de Animação: Joshua Me-  
 oder, dos Estúdios de Walt Disney  
 Productions. Elenco: Walter Sidger-  
 on, Anna Francis, Leslie Nielsen,  
 Warren Stevens, Richard Anderson,  
 Earl Holliman, James Drury, Jack  
 Kelly. Duração: 96 minutos. COR.

CIÊNCIA - ABISMOS SUBMARINOS - Jorge Luiz Calife - Continuação da pág.26

mo.  
 Para os pesquisadores interessados em vida extraterrestre, os oásis sub-  
 marinos deram um vislumbre do tipo de criaturas que poderemos encontrar  
 nas luas de Júpiter. Na escuridão total do abismo ainda podem existir mui-  
 tos seres desconhecidos pela ciência, alienígenas bizarros como os vermes  
 gigantes, que só foram descobertos em 1980. Seres como as lulas de quin-  
 ze metros de comprimento, que deixaram marcas de ventosas em alguns ca-  
 chalotes capturados pelos baleeiros.

NOTA DA EDITORIA: Aproveitando o tema do artigo de Ciência do nosso amigo  
 Calife, foram filmados no ano passado três filmes sobre abismos subma-  
 rinos: "O Segredo do Abismo" (resenhado nessa edição), "Abismo do Terror"  
 (Deep Star Six, de Sean S. Cunningham) e "Leviathan", de George Pan Cosma-  
 tos. Todos foram exibidos recentemente nos cinemas nacionais.



star trek,

episódio "the doomsday machine"